



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS**

IVONI DO SOCORRO ROSA DE SOUSA PIMENTEL

**RETRATO BIOGRÁFICO**  
SAINDO DO SENSO COMUM E REESCREVENDO UMA NOVA HISTÓRIA

Araguaína  
2016

IVONI DO SOCORRO ROSA DE SOUSA PIMENTEL

## **RETRATO BIOGRÁFICO**

SAINDO DO SENSO COMUM E REESCREVENDO UMA NOVA HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas - Licenciatura, na Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, como requisito parcial de obtenção do grau de Licenciada em Letras. Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Eleuda de Carvalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
Araguaína

2016

## BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Eleuda de Carvalho (UFT) – Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Andrea Lameirão Mateus (UFT)

---

Prof. Ms. Rogério Santos (UFT)

Aprovada em: 16/ 05/ 2016

Nota: 9,0

Dedico a todas as mulheres que lutam obstinadamente por sua autonomia, e sonham em se ver livres dos preconceitos impostos por uma sociedade que privilegia mais os homens.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus as bênçãos concedidas, e pela fé que tenho no Senhor meu Deus, porque é Ele quem me ensina, a cada novo dia, que para subir cada degrau a humildade deve seguir junto passo a passo, para se celebrar com alegria a vitória da realização de um sonho.

O apoio dos meus familiares, amigos e professores.

A compreensão dos meus filhos.

A minha coragem de enfrentar cada problema sem desanimar.

O meu desejo de me tornar independente.

“Deixe entrar na sua vida  
somente as pessoas que quiserem te fazer  
melhor, porque de pessoas que nos diminuem,  
nós já estamos cheios”.

Pe. Fábio de Melo

## RESUMO

Foi realmente com o objetivo de trazer uma experiência literária e biográfica, articulando as escritoras Rachel de Queiroz e Cora Coralina, que ousei criar ao longo do meu TCC um diálogo envolvendo os fatos acontecidos a algumas personagens de Rachel de Queiroz, como também poemas testemunhais da obra de Cora Coralina, porque precisava saber o que provocou em cada mulher escrita a ideia de emancipação, por que essas aspirações as transformaram em mulheres destemidas, próprias heroínas, e traçar um depoimento de luta pessoal pela emancipação e direito de estudar. Citadas no meu trabalho, essas autoras e suas personagens também desafiaram o alicerce de uma época conservadora. Eram tempos difíceis, porém as dificuldades não foram empecilho para desencorajar essas mulheres mesmo de papel, que inspiraram mulheres reais também obstinadas na luta por sua independência. Como suporte teórico, especialmente no caso da literatura em sua função humanizadora, estudei Antonio Candido; para informações sobre a literatura em sala de aula, li Rildo Cosson; para as questões de gênero, Simone de Beauvoir e Maria Amélia de Almeida Teles, e na apresentação das autoras estudadas, a crítica literária das obras de Cora Coralina, Darcy França Denófrío, e a minha orientadora, Eleuda de Carvalho, em reportagem sobre Rachel de Queiroz para o jornal O POVO.

Palavras-chave: Experiência literária, Gênero feminino, Emancipação.

## ABSTRACT

My work aims at bringing to my TTC a literary and biographical experience that articulates the writers Rachel de Queiroz and Cora Coralina involving scenes and dialogues from Queiroz's characters, as well as anecdotal poems from the work of Cora Coralina. I needed to know what brought the idea of emancipation in the writing of each woman, why these aspirations turned them into fearless women, heroes in their own right, and draw a testimony of their personal struggle for emancipation and the right to study. When cited in my work, these characters also challenged the foundation of a conservative era. These were difficult times, but these difficulties were not an impediment to discourage these fictional women that inspired equally stubborn real women in their fight for independence. As a theoretical support, especially in the case of literature in its humanizing function, I will use Antonio Candido. For information on literature in the classroom, Rildo Cosson; for gender issues, Simone de Beauvoir and Maria Amélia de Almeida Teles, and for the presentation of the authors studied, the literary criticism of the works of Cora Coralina, Darcy France Denófrío, and my advisor, Eleuda de Carvalho, in an article on Rachel Queiroz for the newspaper O POVO.

Keywords: literary experience, feminine gender, emancipation.



# SUMÁRIO

1	Introdução.....	10
1.1	Literatura e Gênero.....	11
2	Rachel de Queiroz: rompendo limites.....	17
3	Cora Coralina, a literatura à beira do fogão.....	29
4	Conclusão.....	38
5	Referências.....	41
6	ANEXO I Cora Coralina.....	42
6.1	ANEXO II .....	44
6.2	ANEXO III.....	45
6.3	ANEXO IV Rachel de Queiroz.....	46
6.4	ANEXO V Jornal <i>O POVO</i> .....	47
6.5	ANEXO VI Augusto Cury.....	51
6.6	ANEXO VII.....	52

# 1 INTRODUÇÃO

Desde que pensei em meu TCC, decidi fazer uma investigação a partir da história de vida das escritoras Rachel de Queiroz e Cora Coralina, juntamente com a leitura de algumas obras de cada uma delas. De Rachel de Queiroz: *O Quinze*, *As três Marias*, *Dôra Doralina*, *Memorial de Maria Moura*, e *O Não Me Deixes*. De Cora Coralina: *Meu livro de cordel*, *Estórias da Casa Velha da Ponte*, *Poemas dos Becos de Goiás*. Esta escolha literária vai ao encontro de minhas próprias inquietações, desejos e sonhos: defender obstinadamente o direito à independência que consiste em que eu seja feliz, e ser feliz para mim é ser escritora. E uma boa parte desta minha felicidade já estou vivenciando com meu Trabalho de Conclusão de Curso. Porque a minha intenção é fazer com que este trabalho permita a abertura de um novo campo de investigação literária na UFT, na causa da satisfação, acerca do mesmo desejo de outras mulheres, para que as mesmas se sintam motivadas em alcançar sua independência. Porque para mim a importância de se trabalhar com este tema (*Saindo do Senso Comum e Reescrevendo uma Nova História de Vida*), consiste numa persistência excepcional em acreditar que os sonhos podem ser realizados.

Porém, para que isto aconteça, terá que se ter muita coragem, porque é preciso despojar-se da velha vida, para enfim recomeçar, reescrevendo uma nova história. Evidentemente que eu tenho enfrentado muitos desafios, acerca desta minha obstinada determinação na luta por minha independência, porque os obstáculos se apresentam silenciosamente com demasiadas justificativas, acerca de me fazerem desistir, no entanto quando penso na velha vida de uma jovem que viveu por anos oprimida, subitamente tenho a mais plena convicção de que vale a pena lutar.

É embasada nesta certeza que abordarei, ao longo do texto, alguns trechos dos romances citados de Rachel de Queiroz, que apontam mulheres destemidas e corajosas que buscam sempre sua independência como propósito de vida, bem como os poemas de Cora Coralina, os quais também nos apresentam a luta obstinada dela mesma por sua independência. Como suporte teórico utilizarei Antonio Candido, as informações de Rildo Cosson, e para as questões de gênero, Simone de Beauvoir e Maria Amélia de Almeida Teles.

## 1.1 LITERATURA E A QUESTÃO DE GÊNERO

Será bordado ao longo do texto um possível relato de vida das escritoras brasileiras Rachel de Queiroz e Cora Coralina, e de minha própria história. A LITERATURA sempre esteve presente em minha vida, recordo-me que minhas primeiras experiências de leitura se deram com os ensinamentos cristãos, meus pais eram simples, no entanto, procuravam nos alertar acerca de sermos pessoas de bem se utilizando, na maioria das vezes, de leituras das parábolas de Jesus. Essas práticas me conduziram desde criança a ter um desenvolvimento imaginativo, pouco entendido por alguns.

Entretanto, mesmo sendo criança, eu era muito fiel aos meus princípios, e sabia guardar segredo dos meus pensamentos criativos em relação aos meus amigos imaginários, e eles foram se aproximando cada vez mais de mim a medida que eu ia aprendendo a rezar, porque minha mãe fazia questão de me ensinar a rezar. Recordo-me ainda hoje da primeira oração que me ensinou, ela pegava cuidadosamente a minha mãozinha direita e fazia uma cruz em meus lábios e uma cruz em meu peito, e pedia para que eu pronunciasse juntamente com ela, *“palavra santa em minha boca, obra divina em meu coração”*, e em seguida traçava uma grande cruz, da minha cabeça ao meu peito, do meu ombro esquerdo ao meu ombro direito, e eu repetia junto com ela: *“Ama a Deus, a Mãe de Deus, Jesus por nós, ninguém contra nós”*. Logicamente que minha mãe nem imaginava o que se passava nesse momento em minha fértil imaginação, era como se eu pudesse enxergar o céu repleto de anjos, assim como Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ainda hoje, essa criança vive presente em mim, porque conservei vivo em meu imaginário Deus, Jesus, Espírito Santo e todos os anjos celestes, como sendo meus melhores amigos. Para mim, esta é a grande riqueza da literatura, porque ela nos permite ser e ter o que quisermos, com a literatura nós podemos ir além do que possamos imaginar.

Na verdade, o que sempre me encantou na Literatura depois que comecei a ir para escola, foi realmente gostar de escrever, inspirada nos escritores, e me baseando sempre em seus trabalhos, sem menosprezar nenhum romance, ou poesia, mesmo sendo eles na sua forma mais tradicional, porque foi assim que aprendi a respeito da escrita literária, enquanto leitora, e estudante, de que realmente a Literatura é artisticamente maravilhosa de se ler, porque ela sempre se preocupa com os acontecimentos, políticos e sociais, denunciando as injustiças, e conseqüentemente é através da leitura que se aprende a escrever, e ter uma consciência crítica.

Penso que trabalhar a Literatura em sala de aula é uma luta árdua, e contínua, como mostra Rildo Cosson, em *Letramento Literário: teoria e prática* (2014), o qual esclarece a importância do ensino da literatura nas escolas, pautado em uma metodologia prática e significativa, advinda de fatos históricos e sócio políticos.

“No ensino médio o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre

gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional”. (COSSON, 2014, p.21).

Rildo Cosson alerta para que o espaço da literatura nas escolas seja explorado de forma adequada, no que tange a uma leitura com resultado significativo.

“(…). a leitura de fato é um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário. Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”. (COSSON, 2014, p.27).

Diante desta proposição, na qual Rildo Cosson vem definir a literatura como sendo um bem social, e que, portanto, deve ser compartilhada como uma visão de mundo, “entre homens no tempo e no espaço”, é que adentraremos na questão humanizadora da literatura, proposta por Antonio Candido, nos seguintes termos:

“Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor, A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 1988, p. 180)

Deste modo, o crítico nos abre um leque de possibilidades com conceitos de muita pertinência, no que realmente precisamos nos preocupar em saber, principalmente na compreensão de todos poderem conviver em sociedade. Porque a forma literária consiste em apresentar por vários dispositivos o problema da humanização.

“Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção. (...) Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo”. (CANDIDO, 1988, p. 176 a 177)

Antonio Candido compara a obra literária com uma construção civil, na qual os elementos devem ser cuidadosamente alicerçados, caso contrário tudo desmorona, ou seja, isto implica em uma escrita literária organizada, feita com coerência e uma sistematização, com sua estrutura elaborada.

“Estes níveis são os que chamam imediatamente a atenção e é neles que o autor injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão etc. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica”. (CANDIDO, 1988, p. 180 a 181)

Antonio Candido apresenta a questão dos níveis. Complementando aqui minha negação à opressão e minha afirmação à liberdade, que consiste não só na luta pela independência pessoal, como também na luta por uma sociedade mais justa em relação à mulher:

“(…), a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos”. (CANDIDO,1988, p. 186)

Ele também apresenta a Literatura como “*um instrumento*”, no qual o autor conscientemente é capaz de desmascarar e negar a opressão, e afirmar os direitos de todos, que consiste na “*luta pelos direitos humanos*”.

“Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. (CANDIDO,1988, p.191)

Ainda citando este texto de Antonio Candido, no qual nos esclarece que a literatura tem sua validade quando alcança seu objetivo humanizador, na sua totalidade, ou seja, no nível com valor positivo, respeitando o direito de cada ser humano na sociedade, que consiste em “*um direito inalienável*”, dentro de todos os níveis: ético, político, religioso e social.

Essa experiência literária, que existe em mim desde criança, me impulsiona a escrever, e recordar lembranças guardadas na memória, o que houve neste período da minha vida. Assim seguirei com minha história, juntamente com meus amigos imaginários e minhas inquietações.

De modo que irei lembrando as inquietações de uma criança que, ao descobrir a devoção de sua madrinha por um santo, o conhecido São Benedito, teve a curiosidade de querer entender por que as pessoas quando ali chegavam (na casa da madrinha) tinham o mesmo comportamento diante daquela imagem, a qual ficava num canto logo na entrada da casa, ou seja, as pessoas sempre depositavam dinheiro dentro da caixa de vidro, na qual estava a imagem do santo, numa espécie de altar. Até que certo dia cheguei na casa de minha madrinha, e como de costume o meu olhar era subitamente dirigido à imagem, e para minha grande surpresa o dinheiro tinha desaparecido, fiquei ainda mais curiosa, corri até a madrinha e perguntei, cadê o dinheiro do santo? E ela pacientemente me respondeu: “A madrinha foi à igreja e depositou o dinheiro do santo no cofre das almas”.

Fiquei sem entender absolutamente nada, mas para minha sorte era terça-feira, dia de novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, corri para casa, me preparei e fui até a igreja matriz, que não era distante de casa, sentei-me no banco e fiquei olhando para aquele cofre denominado “*cofre das almas*”, e fiquei me perguntando, *para quê que alma quer dinheiro?* Este era um meio através do qual minha madrinha levava as doações das pessoas que pouco frequentavam a igreja, que na sua grande maioria era homem, uma época em que as crianças ainda podiam brincar de roda à noite na porta de casa com os colegas, e sair na

rua sem o risco de serem estupradas. O legal dessa história é que essa criança curiosa cresceu junto comigo e permanece dentro de mim até hoje.

Embora eu já tenha falado anteriormente da negação à opressão e da afirmação pela liberdade na Literatura, continuarei abordando este mesmo assunto, da negação à opressão, pela afirmação da liberdade, com uma interpretação ampla nos estudos de literatura na questão de gênero, linha de investigação que se inscreve nos estudos culturais e consiste em incluir mulheres na luta obstinada por sua emancipação, conscientes de seus direitos mais fundamentais.

Deste modo, adentraremos nas questões abordadas por Maria Amélia Teles, a qual nos esclarece no livro *O que são direitos humanos das mulheres*, o direito que a constituição confere ao gênero feminino.

“Quando falamos em violência contra a mulher, referimo-nos à agressão psicológica, física, sexual ou patrimonial direcionada exclusivamente à mulher, nos espaços públicos ou privados. Por outro lado, quando falamos de violência doméstica, referimo-nos a agressão sofrida em casa ou nas relações intrafamiliares”. (TELES, 2006, p. 7)

A autora aborda a questão da violência contra as mulheres, tanto nos espaços públicos quanto no privado. Esta é uma questão na qual a mulher vem progredindo lentamente, porque as atitudes em denunciar esse tipo de violência contra sua integridade provocam uma revolta no agressor, que na maioria das vezes tenta puni-la. Entretanto, quando as mulheres se organizaram, foi ganhando força a luta contra a violência masculina.

“Considera-se natural que as mulheres sejam alvo preferido das ações masculinas de assédio sexual, estupro, assassinatos e de outros tipos de violência de gênero. Tem-se natural a invisibilidade absurda das mulheres indígenas, presidiárias, profissionais do sexo, assim como negras”. (TELES, 2006; p.11)

Essa necessária preocupação com relação às mulheres consiste em nos informar acerca do nosso pleno direito constitucional, estabelecido por leis direcionadas aos direitos humanos de todas as mulheres, independentemente da posição que ocupam na sociedade.

“(…). As diferenças biológicas não podem ser usadas como justificativa para manter a opressão e, por conseguinte, a desigualdade(…)”.  
(TELES, 2006; p.57)

Maria Amélia Teles vê a importância que se deve dar no esclarecimento com as diferenças existentes entre homens e mulheres, defendendo que não existem justificativas para se afirmar a opressão e nem a desigualdade social de gênero.

“Violência significa o uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade, é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar e impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver grave e frequentemente ameaçada ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta.  
(TELES, 2006; p. 69)

Maria Amélia propõe uma definição para “violência”, esclarecendo porque as mulheres são as que mais sofrem seus efeitos.

“A violência contra a mulher deve ser entendida como uma relação de poder, de dominação do homem e de submissão da mulher. Os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem a reações violentas”. (TELES, 2006; p. 69 a 70)

E ainda afirma que a violência contra a mulher é resultado de um processo histórico, no qual predominou na sociedade a ideologia de que as mulheres devem ser submissas aos homens. Entretanto, a Guerra Fria (período que vai do fim da II Guerra Mundial ao fim da União Soviética) provocou uma revolução radical no comportamento feminino, principalmente pela necessidade de sobreviver, porque a guerra não só deixou muitas viúvas, como também homens inválidos, fazendo com que as mulheres entrassem na luta árdua do mercado de trabalho, para manter o sustento de suas famílias.

Desde então as mulheres entraram na luta por melhores salários, e pelo respeito às diferenças. Dentre muitas conquistas, uma delas resultou na *Convenção Internacional para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher*, aprovada na Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), em 09 de junho de 1994, numa pauta onde fica reconhecida a violência contra a mulher, ratificada pelo Brasil em 27 de novembro de 1995. A assembleia ocorreu em Belém, e ficou conhecida como a Convenção de Belém do Pará.

Evidentemente que não posso dar todos os exemplos desse percurso feito pelas mulheres contra a desigualdade de gênero ao longo da história, porém o livro *O que são direitos humanos das mulheres* tem como objetivo informar e esclarecer às mulheres contemporâneas. Um de seus méritos é esclarecer sobre os mecanismos legais de combate à violência contra a mulher.

“Em 07/ 08/ 2006 foi sancionada a lei 11.340 que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, por ser uma lei construída a partir dos anseios das mulheres, ganhou o nome de Lei Maria da Penha. Esta teve seu caso levado à OEA, onde o Brasil foi condenado por agir com negligência em relação à violência doméstica e familiar”. (TELES, 2006; p. 119)

O ser mulher tem-se manifestado num esforço obstinado de afirmação por liberdade, e conseqüentemente na luta contra a opressão e a desigualdade. É uma luta árdua, a qual se dá historicamente. Um dos impactos desta nova realidade pode-se comprovar com o tema escolhido para a prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 2015, que trouxe à tona a pauta feminicídio, provocando polêmica e uma boa discussão nas redes sociais. Essa questão vem evoluindo com legítimas justificativas, em denúncia de tantas agressões cometidas. Uma dessas vítimas foi a servidora pública Maria da Penha, cuja luta por justiça contra o marido que a deixou paraplégica acabou denominando a lei que cria mecanismos de proteção para as vítimas de violência doméstica ou de gênero.

“A palavra gênero vem do latim e quer dizer classe ou espécie. Pode servir como categoria gramatical para designar se a palavra pode ser classificada em feminina, masculina ou neutra.” (Teles 2006, p.38)

Ainda abordando a negação à opressão e o combate pelo desrespeito às diferenças entre homens e mulheres, por parte da sociedade patriarcal, que se mantém há milênios, sempre impondo um senso comum na vida das mulheres, é que adentraremos nas questões sobre a dignidade da mulher e sua autonomia, agora a partir das informações do livro de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo-Fatos e Mitos*. “*Não se nasce mulher, torna-se*”. Uma de suas frases mais famosas, nesta obra de certo modo autobiográfica a filósofa francesa relata que suas inquietações só ficaram adormecidas, mas que chegara o tempo em que a semente plantada no interior do seu ser germinou e fez-se....

“Lancei-me numa aventura imprudente, quando comecei a falar em mim, começa-se; não se acaba mais. Meus vinte primeiros anos há muito que os desejava contar; nunca esqueci os apelos que dirigia, na adolescência, à mulher na qual me iria fundir, em corpo e alma. Nada ficara de mim, nem mesmo uma pitada de cinzas; rogava-lhe que me arrancasse um dia desse vazio em que me houvesse mergulhado. Talvez meus livros não tenham sido escritos senão para atender a essa antiga prece. Aos cinquenta anos julguei que chegara o momento; emprestei minha consciência à criança, à jovem abandonada no fundo do tempo perdido e com ele perdida. Fiz com que existissem em preto e branco no papel”. (BEAUVOIR, 1961, fl. 1, p.5)

Simone de Beauvoir escreve (em *A Força da Idade*) que nada está perdido, ou seja, o sonho e a liberdade não se deixam controlar, porque nem o tempo consegue apagar a consciência de uma mulher, essas memoráveis lembranças são indiscutivelmente desprendidas de todo e qualquer preconceito, e que em um certo momento nossa imaginação se libertará e ganhará asas. Isto me faz recordar minha mãe dizendo muitas vezes, “*formiga quando quer se perder cria asa*”, este era um argumento que ela usava para nos manter sempre por perto, no entanto somos como passarinhos, depois que crescemos queremos voar, ou seja, queremos ir além de onde estamos, porque estamos sempre em busca da nossa felicidade, e felicidade para mim é escrever.

“O que me inebriou quando voltei a Paris, em setembro de 1929, foi primeiramente a minha liberdade. Com ela sonhara desde a infância; (...) Constatei alegremente que ‘a seriedade da existência’ com que os adultos me tinham enchido os ouvidos em verdade não pesara muito na balança. (...), partilhávamos a euforia da esquerda francesa. A paz parecia definitivamente assegurada. A expansão do partido nazista na Alemanha representava apenas um epifenômeno sem gravidade. O colonialismo seria liquidado dentro de curto prazo”.

(BEAUVOIR, 1961, fl.1, p.9, 10 e 13)

Ainda com Simone de Beauvoir, que agora nos convida a refletir sobre a liberdade e a condição imposta à mulher na sociedade, afirmando e indagando com coerência a situação feminina. Naturalmente que no século passado as mulheres tinham muito mais dificuldades para se realizar profissionalmente, até mesmo para expressar seus pensamentos, no entanto, após a II Guerra Mundial, elas precisaram trabalhar para complementar a renda familiar, porque a vida lhes apresentou um destino trágico. A princípio essa realmente foi a realidade de muitas mulheres, entretanto elas foram evoluindo, e adquirindo experiência no



trabalho industrial, e cada vez mais ficavam conscientes da necessidade de mudar o seu papel na história.

Simone de Beauvoir vivia intensamente esse período pós-guerra, escrevendo simultaneamente uma teoria de gênero sistematizando sua própria memória, e evidenciando o acatamento das relações herdadas, entre mulheres e homens, na sociedade. Evidentemente que as mulheres ainda hoje criam, e fazem movimentos obstinados na luta contra a desigualdade e pelo pleno direito a sua emancipação.

“Todo indivíduo que se preocupa em justificar a sua existência a sente como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do outro. Pretende-se torná-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência, essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina?” (BEAUVOIR, 1980, p.23)

Simone de Beauvoir relata a si e sobre a situação da mulher, numa sociedade “*em que os homens lhe impõem a condição do outro*”. Para mim, a realização feminina não consiste apenas em expressar revoltas, sem um esclarecimento acerca de seus direitos, eu realmente penso que a mulher deve primeiramente se informar para enfrentar determinados conflitos, os quais a sociedade lhe impõe, desta forma ela obterá um maior valor em reivindicar sua existência como uma figura feminina na sociedade, porém devemos aprender a reconhecer, e distinguir, entre um falso moralismo cultural preservado até os dias de hoje em relação à mulher. Todavia essa realização feminina se dará verdadeiramente quando ela se emancipar de todos os preconceitos impostos a ela, entretanto, para que isto aconteça, ela precisará se tornar uma mulher independente, esclarecida, interessada e criativa, resultados proporcionados pelo desenvolvimento de sua própria inteligência e potenciais.

## 2 RACHEL DE QUEIROZ: ROMPENDO LIMITES

Inicia-se a saga das mulheres do “N”, do Norte, do Nordeste e do “Não me deixes”...

Não! Não! Mas não mesmo, não pense que a deixaremos, iremos nós, as três, nos encontraremos no coração do Brasil...

Há anos que sonho encontrá-las, para dividir as memórias dos nossos saudosos dias e assim dividindo, somarmos as alegrias!

- E o tempo chegou! Chegou! ...
- Chegou!
- E agora! ...
- Eu vou!
- Cheguei! Chegou! Cheguei! ...
- Parei! Parou! ...
- Andei! Andou! Andei! ...

- Olhei! Olhou! Olhei! ...
- Pensei! Pensou! Pensei! ...
- Calei! Calou! ...
- Falei! Falou! ...
- Calei! ...
- Chorei! Chorei! Chorei!
- Dormi! Acordei!
- Acordei para realizar meu sonho, porque dormindo jamais realizaria.
- Acordou! Acordei! ...
- Demorou! Demorei! ...
- Continuará! Continuarei! ...
- Insistirá! Insistirei! ...
- Não desistirá! Não desistirei! ...
- Persistirá! Persistirei! ...
- E!
- Se! ...
- O desânimo chegar!
- Esforçar-me-ei!
- É preciso coragem!
- Sim!
- Mas, eu... me inspirei! Inspirou! ...
- Em quem?

Primeiramente, me inspirei em você Rachel, que sempre teve sua imaginação livre e libertadora, ou seja, o que eu quero dizer, é que no universo que você traz dentro de si não existem trancas, nem amarras, ninguém vive sufocado, nem oprimido.

No seu universo, Rachel, as pessoas são libertas de toda e qualquer escravidão que lhes tenham sido impostas, o seu compromisso de fazer e dar sentido à vida dessas pessoas na sua forma mais natural de viver, é o que eu posso chamar de vida plena, que é a liberdade.

Mas quanto nos é cara essa plena liberdade, que brota do destemor, da coragem e determinação, promovendo dentro de cada um de nós o direito do exercício à vida com responsabilidade.

Seja na sua forma mais simples de se viver, porque viver é simples!

Os dois ingredientes principais são:

Amor e respeito. E é com base no amor e no respeito que Rachel e eu faremos o nosso primeiro passeio, nos caminhos do sertão.

E para a apresentação da vida e obra de Rachel de Queiroz, trago mais adiante, em anexos, o trabalho desenvolvido pela repórter Eleuda de Carvalho, do jornal O POVO.

Rachel, gostaria muito de conhecer dona Inácia e sua família, este nome me é muito familiar, pois brotei de uma doce Inácia! Pois vamos, se apresse, caminhe! "... A velha fazenda da família, no Logradouro, é perto de Quixadá!".<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>“Em tupi-guarani, o nome Quixadá significa Pedra de Ponta Curvada. Quixadá é um município brasileiro do estado do Ceará, pertence a mesorregião dos Sertões Cearenses e à microrregião do Sertão de Quixeramobim. É a maior cidade do sertão central, com uma população de 100.000 habitantes”. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Quixadá>)

O *Quinze* é um broto que cresceu no sertão, firme e forte como a resistência de um mandacaru, essa resistência na luta pela sobrevivência, assim como em qualquer outro lugar, tem suas razões de existir.

Na Amazônia por exemplo, os ribeirinhos moram em palafitas ou em casas flutuantes, se protegendo das grandes águas, suas ruas são os rios, e seus carros são suas canoas; em compensação no sertão os sertanejos são castigados pelo sol, que parece não se descuidar em emitir tanto calor todos os dias, a terra já ressecada, maltratada e tão sofrida entrega-se à fé de seu povo na esperança da chuva que irá irrigar seus caminhos.

Dentre esses caminhos no sertão, encaminhamo-nos ao vilarejo de dona Inácia, a quem desejei muito conhecer e nos deparamos com Conceição, sua filha neta, que se encontrava de férias na casa da vó!

Conceição... mulher, professora que guardara em seu peito um amor por seu primo Vicente o qual lhe demonstrara o mesmo apreço, mas Conceição era uma mulher determinada, independente, à frente do seu tempo, e mesmo amando Vicente, abria mão de seu grande amor.

Conceição saiu do Logradouro, entretanto Logradouro não saiu de dentro dela; então decide trabalhar como voluntária no campo de recolhimento para os retirantes, que tentam escapar da seca!

“Nada... Lembranças, também... A primeira partida soou. Conceição abraçou com força a avó, e desceu do carro. Dona Inácia chorava”.  
(QUEIROZ, 2015, p.146)

Rachel não quer só com *O Quinze* apenas denunciar as injustiças sociais, como também deixar claro de que não se pode ter tudo, pois quando optamos por algo, abrimos mão de outras coisas. Resta-nos saber escolher.

Porém, nem sempre é fácil, terá que se ter muito determinação e força de vontade, porque tomar a decisão de se viver uma nova vida implica primeiramente em se ter uma conscientização e responsabilidade pelo direito em exercer sua cidadania.

Assim foi com a personagem Conceição, porque fazer escolhas, decidir o que realmente irá nos fazer feliz, implica realmente em saber que, o que irá proporcionar essa alegria, é a satisfação da realização de um sonho.

Essa satisfação prazerosa de ser, ou de se tornar no que se deseja ser, como pessoa, como ser humano, pode até parecer estranho aos olhos de algumas pessoas, no entanto, esse comportamento advindo de algumas pessoas não deve ser algo que venha atrapalhar as estruturas da vida de um sonhador!

Porque a realização de um sonho não tem preço e nem medida, ou seja, a satisfação da realização de um sonho é impagável e sem tamanho!

- Pensando! ...
- Observando! ...
- Nascer! ...
- Crescer! ...
- Amar! ...
- Sonhar! ...
- Respeitar! ...
- Não casar! Casar!

- Não ter filhos! Filhos!
- Separar! ...

Refazer-se é uma dádiva, que nos fortalece e nos transforma em novas criaturas!

Falar em nova criatura, vamos visitar DÔRA DORALINA! ...

Porque não só *Dôra Doralina*, como eu e tantas outras mulheres já sentimos nossas almas se debatendo em dor, é uma dor confusa, que ao mesmo tempo que nos fragiliza nos fortalece, estou me referindo a um tipo de dor que foge do alcance do mundo físico, e alcança o mundo espiritual, ou seja, o que eu quero dizer é, que..., bem, quem já foi traído sabe do que eu estou falando!

Independente da pessoa estar apaixonada ou não; traição é traição, porém, quando uma pessoa sobrevive a esta dor, não pense que quando a encontrar você estará olhando a mesma pessoa, por que esta, já não existe mais, porque eu digo: essa dor é um fogo disfarçado que queima tudo, até que tudo vire cinza. Então eis que surge do meio das cinzas uma nova criatura!

No entanto o que mais doera em Dôra foi o nome que sua mãe lhe dera! “Maria das Dores”.

Porém esse desconforto com o próprio nome não se restringe somente a Dôra, existem muitas pessoas que não se agradam do próprio nome, e muitas até preferem usar alcunha, e dependendo da situação algumas pessoas apelam até por ter um nome artístico.

Finalmente Dôra encontrara graça em seu nome, quando soube que seu pai a tratava carinhosamente por Doralina. Daí em diante ela irá se ocupar com outros assuntos, e uma de suas maiores ocupações será em dar guarida a um desconhecido por nome Delmiro, o qual se tornará seu melhor amigo e protetor.

O destino, destinado, destinou Delmiro até um anjo por nome Dôra.

A partir daí Dôra cuidará para que aquele homem sobrevivesse, limpou e cuidou de suas feridas, deu-lhe o que comer, até que ele recuperasse suas forças; então Dôra lembrou-se de uma tapera abandonada em sua fazenda, e o acomodou dando-lhe um pedaço de chão para que o mesmo trabalhasse na terra, para sobreviver; Delmiro aparentava ter uma boa idade, trazia consigo não só as marcas de uma vida sofrida, como também de uma vida mal vivida, Delmiro encontrou em Dôra a chance de ter uma nova vida, e não desperdiçou.

Delmiro decide mudar de vida, só precisava do apoio e do incentivo de alguém... e encontrou esse apoio em Dôra, como também Dôra apoia-se em Delmiro, porque ela não se dera muito bem com a Senhora, sua mãe, porque as duas sempre viveram em disputa, a Senhora, mãe de Dôra, disputou até depois de morto o marido de sua própria filha, causando-lhe muito sofrimento e dor.

Dôra não se curvaria mais diante de uma vida infeliz, sepultou seu passado e ressuscitou para uma nova vida!

Ela transforma toda sua dor em força e se reveste de coragem; traçando um novo caminho...

Tornando-se senhora, e dona de seu destino!

Dôra decide-se por refazer sua vida... sua coragem e determinação irão levá-la à companhia de D. Loura, sua amiga e cúmplice, e por consequência à companhia de teatro do senhor Brandini Filho, companhia essa que irá seduzi-la, até que ela encontre seu grande amor.

“Se nós perdermos o Círio de Nazaré, dá tudo em osso de minhoca. Não vamos ter nem os atrasados de D. Loura para mandar de lá”. (QUEIROZ, 1992, p.78)

O Círio de Nazaré, em Belém do Pará, acontece sempre no segundo domingo de outubro e é considerado o natal dos paraenses.

Essa é a maior festa religiosa que acontece no país. Outubro é um mês em que todo paraense une-se na mesma alegria e na mesma fé, esteja ele onde estiver, quando chega outubro os laços fraternos ficam entrelaçados, porque até quem está ausente se torna presente através do amor e da fé, todos sentem a mesma alegria. Rachel e eu não podíamos ficar de fora, porque Rachel é paraense de coração, e eu orgulhosamente paraense de pai e mãe. No almoço do Círio de Nazaré, as famílias se reúnem para confraternizar com a Fé.

Sejam todos bem-vindos ao Círio de Nazaré!

“(…) puxei aquela mão para a boca(…), e cravei-lhe os dentes na carne, com toda força que eu tinha”. (QUEIROZ, 1992, p.115)

Neste momento Dôra sente o perigo ameaçando sua paz, e se defende com a arma que tem... ou seja, sangrando a serpente que tenta violentar não somente seu corpo, como também sua honra. Para algumas mulheres educadas na moral e nos bons costumes de uma época, a preservação de sua honra é algo primordial, entretanto, são poucas as que tiveram a sorte de terem pais sensíveis à sexualidade feminina; pois acreditem, meu pai sempre me dizia, escute minha filha, honra não tem nada a ver com virgindade, acredite, não é só porque uma moça perdeu sua virgindade que conseqüentemente ela perde sua honra. Ele, mesmo sendo uma pessoa antiquada, sempre me orientava dizendo que, assim como o homem deve honrar suas calças, também a mulher deve honrar suas saias, porque tanto o homem quanto a mulher devem se dar ao respeito!

Oprimir é uma negação ao respeito, como também é uma das violências contra a integridade da mulher.

Eu estou incluída na lista de violência das mulheres que ainda jovens se casam, e somente depois descobrem que serão mantidas presas, sem nenhum direito a reivindicações, porque o uso frequente da força física e psicológica por parte de alguns homens contra a mulher dentro do lar é intimidador, é avassalador, principalmente quando vem acompanhado de interesses externos, como o da amante que nos tira a paz ligando para o nosso lar, porque infelizmente ela não é capaz de notar que o que mais desejamos como esposa oprimida é nos livrar desse carrasco que se diz nosso marido.

Felizmente depois de muita oração e joelho no chão consegui minha liberdade parcial, porque comecei a superar aquela ideia de que eu não podia estudar, trabalhar, dirigir, sair de casa, ou seja, de que eu não podia nada, enfim.

Hoje eu curso uma faculdade, embora ainda continue sendo sempre ameaçada de que, se eu insistir com essa história de faculdade, irei morar debaixo da ponte. Porém, jamais desistirei de realizar este meu sonho, que é o que sempre me motivou e me manteve viva, porque se eu tivesse continuado presa “na casa do Egito”, eu já estaria morta, entretanto o opressor sempre se sente no direito de nos ameaçar, principalmente quando o mesmo tem o apoio de pessoas próximas, que se utilizam de seus cargos de posição para fazer

valer o seu abuso de poder, encorajando e fortalecendo o opressor. No entanto, não me intimido e farei valer os meus direitos.

Embora nós mulheres já tenhamos hoje a Lei Maria da Penha que nos ampara, a violência contra a mulher ainda é gritante, seja psicologicamente ou fisicamente, porém não podemos nos deixar intimidar.

- Coragem!
- Coragem!
- Coragem!
- Siga!
- Prossiga!

Se a vida nos abre um novo caminho, então é porque ela nos convida a seguir em frente com passos firmes, todavia, em toda caminhada sempre existirá um momento em que se fará uma pausa para aliviar o cansaço de uma longa jornada.

- Suspiros!
- Ouço!
- Sinto!
- Vejo!

Vejamos de onde surge tão ofegante respiração!

Dôra suspira, respira e suspira, parece que acabara de receber o sopro da vida, de repente tudo fez-se novo, a noite fez-se dia e o sol brilhou, ela acertará o passo com o compasso cuidadosamente, porque o amor chegou e lhe pegou de surpresa.

Dôra não esperava por esta visita, e precisa urgentemente arrumar a casa, porque o ilustre visitante não merece chegar e encontrar uma casa tão bagunçada!

O Comandante entra na vida de Dôra como um bálsamo, trazendo-lhe sentido à vida! Este irresistível amor chegou expulsando todos os monstros que a apavoravam, o medo foi substituído pela coragem, hoje Dôra sente-se feliz, e mesmo na solidão não se sente só.

Renovada e fortalecida pela dose essencial do amor, sente-se capaz para continuar.

Levando dentro de si o bem mais precioso da vida de qualquer ser, a liberdade.

Aqui nos despedimos de Dôra, que havia sido arrebatada para terras distantes de sua casa, porque precisava ser capacitada para assumir com segurança a nova vida que aguardava. Deste momento em diante Dôra retornará à casa paterna, porque agora ela já é uma mulher adulta e destemida capaz de enfrentar um batalhão de problemas, porque já aprendera que não se pode viver de lembranças, ou seja, ela já se conscientizou de que para manter-se viva precisaria acima de tudo trabalhar, e enfrentar a vida a cada dia com os que estão vivos a sua volta.

Rachel e eu iremos fazer o mesmo trajeto de volta da fazenda Soledade até Fortaleza, para visitarmos três amigas, Maria da Glória, Maria José e Maria Augusta, as quais estão vivendo em um colégio interno. Porém, enquanto Rachel e eu viajávamos, ela fazia algumas observações durante a nossa viagem, porque Rachel conhecia aquela estrada desde criança, já havia passado por aquela estrada muitas vezes e sabia tudo exatamente como era, e como está. Rachel também viaja nas lembranças.

Por fim chegamos, nosso destino agora será o colégio interno, onde estão vivendo as três amigas.

Mas antes de irmos, resolvi ler um pouco sobre a obra *As três Marias*, porque não gostaria de conhecê-las sem saber nada a respeito da vida de cada uma, somente assim me sentiria mais à vontade no momento em que fosse apresentada a elas. Rachel inicia sua apresentação primeiramente com Guta, ou seja, Maria Augusta, descrevendo sua chegada no colégio interno.

Guta não sabe que as lágrimas que transbordavam e molhavam seu rosto são lágrimas acumuladas por anos de sofrimento, e que ficam depositadas dentro de nós, e que em algum momento não conseguiremos mantê-las presas, porque não existirá mais espaço para continuar sufocando-as, então surgirá um momento propício, em que a única forma de expulsá-las é pôr para fora tanto choro guardado, e isto se dará através das lágrimas, porque mantê-las presas dentro de nós é cometer suicídio, afinal, para que servirá conter tantas angústias? Se esta tristeza já chegou ao seu limite, não existe melhor saída do que chorar, chorar, chorar, pôr toda essa tristeza para fora, porque não irá dar mais para continuar fingindo que somos fortes, ou choramos, ou morremos sufocadas.

E lá estavam elas, três belas jovens cheias de saúde, no entanto, presas por muros altos e a moral dos bons costumes da época, porém suas mentes ninguém aprisionava, porque seus sonhos eram livres feito o vento.

Como o desconhecido nos apavora! Podemos perceber pela atitude das meninas que tinham uma educação, na época, de serem poupadas de algumas cruéis realidades, e que se apavoram diante de uma realidade tão distante das vidas de contos de fadas. Porém essa cultura de criação ingênua não lhes favorecia nenhuma independência, pelo contrário, induzia a serem totalmente submissas, não só pela sociedade, mas principalmente submissas aos maridos.

As estrelas que as três amigas contemplavam no céu por alguns momentos era a oportunidade que elas tinham para sobrevoar nas asas da imaginação, ou seja, eram fugas silenciosas, porque embora as três moças estivessem presas em um colégio interno, nada e nem ninguém iria impedi-las de sonhar, porque o sonho nada mais é que um desejo em alcançar o que está fora do nosso alcance, entretanto, isto não diminui em nós a vontade de querer realizar o que tanto queremos, muito pelo contrário, quanto mais nos parece difícil alcançar a nossa liberdade, maior se torna nossa esperança em obtê-la.

Provavelmente o que as três amigas mais desejavam era ter sua liberdade, porém quando é que de fato podemos dizer, hoje eu sou uma pessoa livre? Porque enquanto para muitos o que é considerado “prisão”, para outros essa mesma “prisão” é a melhor e mais prazerosa condição de vida.

Parece até bobagem o que eu estou pensando neste momento; mas é que eu estou lembrando da história do macaco, uma espécie de parábola que os antigos contam para darem como exemplo de vida: o macaco só larga o galho, quando já está seguro em outro.

Então, é que o macaco para continuar livre saltando de galho em galho, ele terá que ter essa consciência de que, quando ele largar a mão de um, ele terá que já estar com a mão segura em outro. Porque se até o macaco que tem uma inteligência limitada em relação a do homem consegue demonstrar com seu comportamento tanta sabedoria, muito mais nós humanos.

Pois é com base nesta história que irão surgindo outras, como a do desapego. Despojar-se de uma vida velha sem sentido é ter a coragem de remar

contra a correnteza, e não desperdiçar as oportunidades que a vida oferece, porque essa fuga por uma nova história de vida pode nos levar por diversos caminhos, algumas pessoas se sentirão realizadas só com o casamento, outras preferirão estudar e se preparar para terem sua independência financeira, porém sem abrirem mão do seu lado afetuoso, afinal de contas, quem é que não sonha em encontrar aquele amor?

O amor é um sentimento muito valioso, é como o ouro, que está enterrado na sua forma bruta, porém, quando o mesmo é encontrado e desenterrado, irá sofrer várias transformações, ele passará por vários processos, até o de ser provado no fogo, então, somente depois de ter sido posto a muitas provas é que ele irá ser avaliado, pois o verdadeiro amor também irá sofrer sua purificação, para obter o seu real valor. Deve ser por este motivo que algumas pessoas não acreditam em amor, porque elas não querem ter nenhum tipo de provação, elas preferem ficar com as ilusões, e com isso perdem tudo, porque o amor é tudo, e quem o tem, tudo pode. Porém, devemos ficar atentos, porque podemos encontrar um desamor ao invés de um amor, simplesmente pela ansiedade de querer encontrar, essa pressa pode acabar nos confundindo. Mas quando percebemos que estamos perdendo algo, que para nós era considerado de grande estima, ficamos muito consternados, afinal de contas fez-se grande festa em nosso coração ao encontrarmos o que nos parecia ser o nosso grande amor, e de repente abrimos os olhos e percebemos que nossa vida fora invadida, e que nos foi arrancado o bem mais precioso, não digo o amor de alguém, mas a nossa paz; pois esta não merecemos perdê-la, porque ela é nossa por direito e devemos tê-la, e mantê-la em nossa vida.

“Foi duro, para mim, habituar-me à ideia de perder Raul. A gente nunca aceita o fato quando ele sucede e como sucede; não sei se alguém já pensou nisso antes, mas sempre me pareceu que um fato, para ter verdadeiramente realidade, precisa acontecer subjetivamente dentro de nós, depois de ter acontecido objetivamente no mundo real”.  
(QUEIROZ,2014, p. 140)

Eu penso exatamente assim, porque geramos uma série de ilusões dentro de nós, e para mim pior que ficar sem essas ilusões é cultivá-las; porque a realidade dos fatos pode até ser difícil, porém, a verdade sempre será necessária.

Rachel e eu nos despedimos de suas três amigas, porque nossa caminhada será longa, partiremos de Fortaleza para adentrarmos mais uma vez os sertões do Ceará, porque é primordial que eu venha a conhecer Maria Moura, e devo confessar que será uma honra, e é lógico que eu estou adorando passear com Rachel, porque a ideia de costurar a mão essa colcha de retalhos das regiões norte, nordeste e centro oeste, deste nosso Brasil, significa para nós a valorização do simples, do belo, da paciência e do amor, porque somente com essas virtudes é que conseguiremos dar liberdade ao norte, porque assim como o rio percorre e persegue seu destino, almejando juntar-se ao mar, assim também encontra-se a nossa perseverança na luta por nossa liberdade, a qual nos aponta, e nos arrasta ao destino de sermos felizes.

Enquanto prosseguíamos com nossa viagem, resolvi conhecer a última obra de Rachel, porque ela tem um estilo próprio de se posicionar. Para Rachel seus personagens não podem e nem devem estar presos a nenhum tipo de corrente,



então, quando comecei a iniciar minha leitura, fui subitamente interrompida com aquela leitura que parece falar de imediato, e logo no início do livro *Memorial de Maria Moura* fiquei imediatamente sabendo que ela inicia a saga da guerreira arrancando a batina de um padre, e ainda nos faz entender o porquê.

“MANHÃZINHA NA IGREJA, quase escura ainda. A moça ajoelhada, fazendo com voz rouca:

\_\_\_ Padre, eu me confesso porque pequei... Cometi um grande pecado... O pecado da carne... Com um homem... O meu padrasto! E o pior é que, agora, eu tenho que mandar matar ele...

\_\_\_ Tirar a vida dos outros é um crime muito maior que o pecado da carne, minha filha. Quem é esse homem? ”. (QUEIROZ, 2010, p. 11)

Rachel de Queiroz tinha toda razão, em tomar essa decisão, de transformar o padre em um simples beato, porque dentro desta trama não caberia a nenhum personagem dizer o que é o certo e quem é o errado.

“ \_\_\_ Deus lhe pague, Dona Moura.

\_\_\_ Não bote nada pra Deus. Não deve ter muito prestígio com ele. O senhor mesmo me paga, vai ver. Eu dou, mas exijo”.

(QUEIROZ, 2010 p. 15 e 16)

O mais interessante é vislumbrar a sensibilidade estética que Rachel possui, resolvendo a situação do padre neste cenário de insubordinação religiosa.

Rachel com sua forma de racionalizar apresenta uma história de desafios, descrevendo não só a necessidade de saber se impor em uma sociedade preconceituosa, como também a de demonstrar o abuso sexual feminino dentro de uma cena que consiste na plena passividade e submissão em relação às índias, porém essa história se apresenta na forma do gênero feminino tanto na realidade quanto na ficção, em que o justo poderio triunfante tipicamente de alguns homens machistas, e sem nenhum escrúpulo, tenta se manter até os dias de hoje. Rachel sempre nos convida a refletir, e compreender suas inquietações, com a preocupação de esclarecer acerca de uma realidade de vida, criando uma história ficcional, registrando em suas narrativas a mais dura e cruel realidade.

Desde quando iniciei minha caminhada com Rachel, venho gradativamente tentando compreendê-la, essa minha necessidade diária de tê-la em minha companhia não ocorre meramente porque primeiramente precisávamos conversar, ou seja, essa forma de dialogar com ela, através de suas obras, tem nos aproximado a cada dia, posso até sentir sua presença, há momentos em que posso pressentir sua alegria, porque para cada frase que tenho o privilégio de ler, cresce em mim o entusiasmo pela leitura de suas obras, em cada momento compartilhado entre nós com suas obras se faz único, a emoção me consome, e o esvaziar-me em lágrimas é a plena certeza, é a constatação da minha liberdade, tanto física, quanto mental, e espiritual.

Rachel é imperativa, codifica seus personagens de forma sistemática, e reproduz dentro de cada leitor a semelhança individual e plural, em que trabalha seus personagens, sua organização na escrita define seu estilo, que consiste em uma estrutura de temas semelhantes, como a de mulheres que são capazes de desafiar todos os obstáculos por sua independência, e pelo mais sublime direito a qualquer ser, o de ser livre.

Depois de muito lutar pela sobrevivência, Moura, enfim, tem o prazer de contemplar e vislumbrar a sua nova morada, a Casa Forte, renovada em suas

forças e alicerçada em um chão firme, com dormida, água e comida. Moura já se sentira pronta para entregar-se às delícias do amor e desfrutar de muito prazer com o homem que ela escolhesse e que a merecesse. Devo reforçar que a saga dessa mulher do sertão cearense, Maria Moura, se deu com muita luta, não só pela sobrevivência, mas diria principalmente, por sua independência, e pela liberdade direcionada intencionalmente para toda mulher que tem dentro de si uma guerreira. Em *Memorial de Maria Moura* uma das cenas, a meu ver, das mais marcantes, é aquela em que esta figura feminina sai montada em seu cavalo demonstrando toda sua coragem e total destemor e em um só galope avança para o campo de batalha, para um combate, o qual já seria inevitável, orgulhosamente não foge à luta, nem ao seu destino, e se entrega de peito aberto, em um gesto único de coragem e determinação, próprio de uma heroína.

“Saltei na sela. Mas, antes de dar partida, me dobrei sobre o pescoço do cavalo e disse, olhando nos olhos de Duarte:

Se tiver que morrer lá, eu morro e pronto. Mas ficando aqui eu morro muito mais.

Saí na frente, num trote largo. Só mais adiante segurei as rédeas, diminuí o passo do cavalo, para os homens poderem me acompanhar”.

(QUEIROZ, 2010, p. 489)

Antes de concluir esta viagem, gostaria de salientar que a batalha não finda com Moura, porque a criação ficcional é proposital e sugere a todas as mulheres essa convicção, essa consciência pessoal, de lutar diariamente por sua independência.

Apresento deste modo o meu critério, que foi o de escolher somente algumas passagens, nas obras de Rachel, e no próximo capítulo, nos poemas de Cora Coralina, procurando evidenciar com minha proposta alguns conteúdos que para mim são de muita importância, principalmente no que se refere ao tema do meu TCC (saindo do senso comum e reescrevendo uma nova história de vida).

Vinha me preparando há anos para este momento, e finalmente me encontro com minhas escritoras, já selecionadas na minha mente e no meu coração, este presente momento é a consagração de um sonho. Ao me dirigir para cada encontro com as obras literárias de Rachel, sentia que ia evoluindo na clareza de um conhecimento, que se encontrava opaco. Essa forma de trabalhar o meu tema, amparada nas obras de Rachel de Queiroz, me deu a liberdade de expressar minhas ideias com mais leveza, e diria até, com mais discrição. Toda essa minha primeira preparação, com o desenvolvimento nos textos literários das obras de Rachel, me conduziram a um novo encontro, sairemos do sertão para adentrarmos no coração do Brasil.

Contudo, continuarei seguindo dentro da perspectiva do meu trabalho, ou seja, evidenciar especificamente a importância de outra grande mulher, Cora Coralina, que nos provoca acerca de sua determinação e entusiasmo pela vida literária, porque ela também rompe com uma sociedade preconceituosa, dentro de vários contextos. A necessidade deste encontro, com a obra poética de Cora Coralina, servirá para estabelecer um novo diálogo, na compreensão do meu TCC, mas principalmente na clareza dos fatos, que é a satisfação da realização de um sonho sem se deixar sucumbir, em meio aos obstáculos, porque essas barreiras surgem, e acontecem, se apresentam com um único objetivo, desestimular, fazer desistir.

No entanto Cora Coralina é um exemplo de resistência a tudo e a todos que se puseram em sua frente, foi implacável como o tempo, e resistiu, destruindo todas as barreiras, e enfrentando todos os desafios que a vida lhe apresentara. Despojou-se do supérfluo, das coisas triviais, valorizando o sentido mais simples e natural da vida de qualquer ser, o de ser livre, com a satisfação de fazer o que se quer, e o que se gosta, e conseqüentemente a alegria nasce e floresce dentro desta nova mulher.

Porém, durante o tempo de nossa viagem de Fortaleza a Goiás, resolvi ler o livro de receitas da culinária sertaneja de *A cozinha do Não Me Deixes*, de Rachel (em parceria com sua irmã, Maria Luiza de Queiroz), e logo no início Flávio de Queiroz, neto de Rachel, por assim dizer, foi descrevendo a rotina da fazenda da “avó”, quando o mesmo ia passar as férias. Então, Flávio vai descrevendo a maneira que uma das moças que trabalhavam na casa da fazenda matava uma galinha.

“Para matar uma galinha, vinha a Nise com um pote de milho, embora isso fosse desnecessário, pois bastava ela entoar um tititi característico para as galinhas logo se acercarem dela. Com um olho clínico, ela escolhia uma que me dizia estar bem gorda e entregava-a a Consuelo, a especialista em matar galinhas. Com a bicha amarrada ao lado, Consuelo afiava lentamente a faca em uma pedra lisa, molhando-a de vez em quando, um barulho suave e sinistro. Depois a galinha era degolada e o sangue vertido em um pote”.

(QUEIROZ, 2010, p. 11 e 12)

Neste parágrafo, o que mais me ativou a memória foram as palavras “*suave e sinistro*”. Porque me fez lembrar de um episódio marcante na minha infância com meu pai, ele era funcionário do extinto Departamento de Estradas e Rodagens (DER), trabalhava como operador de máquinas pesadas abrindo estradas, e na maioria das vezes precisava ficar ausente, mas quando retornava para casa a mesa era sempre farta, morávamos no interior, ou melhor, em um município chamado Capanema, não muito longe da capital Belém, umas duas horas de viagem. Quando meu pai chegava, já ia passando direto para o quintal, para ver a bicharada, ele sempre escolhia o maior pato, o maior frango, a maior galinha, para matar e preferia que a mamãe fizesse ao molho pardo, meus pais gostavam de criar alguns bichos, principalmente pato e galinha, e eu sempre gostei de estar próxima de meu pai, observava todo o ritual, primeiro ele espremia o limão em um prato fundo, depois pegava o pato, pisava com um pé os dois pés do bicho e com o outro prendia as asas, com uma das mãos segurava o pescoço e com a outra, a faca. Depois que o pato estava seguro, era aproximar o prato com o suco do limão, então, ele arrancava algumas penas do pescoço do bicho e passava a faca, o sangue já ia caindo direto no prato. Mas um belo dia fui pega de surpresa.

Como de costume, todas as vezes que meu pai chegava eu sempre arrumava um jeito para ficar perto dele. Então, ele faz exatamente como de costume, porém, nesse dia ele me deu aquela olhada, fingiu que precisava da minha ajuda, e me chamou para segurar as asas do pato, eu me aproximei rapidamente, me ajoelhei junto a ele e segurei com as duas mãozinhas as asas do pato, o prato com o limão já se encontrava junto, nesse momento ele segura firme o pescoço do pato, e faz os mesmos procedimentos, mas quando passa a faca no pescoço do bicho, e eu escuto este barulho suave e sinistro, largo as asas do pato, e saio disparada em uma carreira, enquanto o bicho ainda se

debatia derramando todo sangue com limão que estava no prato; por essa meu pai não esperava, porém, essa foi a última vez que me aproximei para vê-lo matar qualquer bicho; o susto foi grande, mas também foi muito divertido, ainda hoje me pego sorrindo desse dia.

Quando comecei a ler esse livro de Rachel, *Não Me Deixes*, nem havia imaginado este título dentro de um contexto extremamente conotativo, ou seja, as receitas são apenas uma boa desculpa para nos envolver nas mais curiosas lembranças, porque as delícias aqui apresentadas são servidas em um ambiente, não só de muita descontração, mas também de verdadeiras alegrias.

Em um documentário com Rachel de Queiroz, numa entrevista, Rachel fala em um de seus depoimentos “que é muito melhor cozinheira do que escritora”, e também revela espontaneamente “que paga a visita de seu médico com uma frigideira de siri”, um dos pratos preferidos dele, essa é somente mais uma de suas especialidades, a arte culinária. Realmente a cozinha estabelece uma cultura comum entre as duas escritoras, entretanto, Rachel de Queiroz é uma escritora consagrada, e seu gosto pela cozinha é de plena satisfação, e não de obrigação.

Ao contrário de Cora Coralina que tem a cozinha como seu meio de sobrevivência, porque foi desta maneira que ela se manteve, oferecendo seu livro a cada pessoa que se dirigia à sua casa para comprar seus doces.

Agora me dirijo ao *Meu Livro de Cordel*, de Cora Coralina, o qual inicia-se com a “Cantoria”.

“Cantei um velho quintal  
com murada de pedra.  
Cantei um portão alto  
com escada caída”.  
(CORALINA, 2013, p.9)

É a Cora de Goiás.

Inseparáveis, porque até o tempo já tivera dia e hora marcados para este reencontro, a vida, ou destino fez somente um jogo de bumerangue. Cora do coração do Brasil não só fez ressurgir-se, como também criou a pluralidade de Goiás, e por assim dizendo-se “Cora dos Goiasés”, como citado no livro *Melhores Poemas / Cora Coralina*, seleção e apresentação de Darcy França Denófrío, texto apresentado em anexo.

“Agora vai se acabando  
Esta minha vervejada.  
Boto escoras nos serados  
por aqui vou ficando.”  
(CORALINA, 2013, p.,10)

É o Goiás de Cora.

Finalmente torna-se claro, e evidente, que Goiás e Cora se uniriam para perpetuarem este amor recíproco, porque já sentira em seu coração que jamais sairia de novo deste lugar, como ela declara na última estrofe do poema.

---

<http://www.dailymotion.com/video/x2p86bt> (Documentário / entrevista)  
Raquel de Queiroz a história da mulher que mais se destacou na literatura.

Cora Coralina passa por cima das dificuldades, e “das pedras” no meio do caminho.

“Ajuntei todas as pedras  
que vieram sobre mim.  
Levantei uma escada muito alta  
e no alto subi.  
Teci um tapete floreado  
e no sonho me perdi”.  
(CORALINA, 2013, p.11)

Evidentemente que Cora teve uma vida muito difícil, como consegue-se perceber nas memórias transformadas em poema, porém resistiu com a mesma solidez, prosseguindo firme e forte, sem desanimar.

Sem questionar ‘o porquê’, porém entendida no ‘para que’, ela faz sua prece da “Humildade”:

“Senhor, fazei com que eu aceite  
minha pobreza tal como sempre foi.

Que não sinta o que eu não tenho.  
Não lamente o que podia ter  
e se perdeu por caminhos errados  
e nunca mais voltou”.  
(CORALINA, 2013, p.59)

Podemos perceber nesta oração, que é o poema “Humildade”, toda simplicidade, serenidade e despojamento de Cora Coralina.

Percebe-se também no poema “Misticismo” a relação nostálgica de Cora Coralina com sua fé.

I	
A terra é templo.	_ A Deus querer.
O lavrador é sementeador.	_ Graças a Deus.
A lavoura é altar.	Repostando tudo a Deus –
O grão é oferta.	quando lucra.
II	quando perde:
O lavrador e sua fala econômica:	_ Seja feita a vontade de Deus.
_ Se Deus quiser.	(CORALINA, 2013, p.61)

Conforme vimos nos poemas destacados, a autora estabelece uma direção crescente e constante acerca de seus pensamentos ligados numa cultura cristã.

### 3. CORA CORALINA, A LITERATURA À BEIRA DO FOGÃO

Cora Coralina descobriu a solução, e une o útil ao agradável ocupando parte de seu tempo escrevendo seus poemas e outra grande parte fazendo doces, porque sua verdadeira intenção era vender, não só os doces, como também divulgar e vender seu livro de poemas a cada pessoa que ia ao seu encontro, e com eles estabelecia assim um diálogo amplo e aberto acerca de seus livros.

Evidentemente que só é possível vencer as dificuldades quando sentimos prazer no que fazemos, mas para que sintamos esta sensação prazerosa no que fazemos, teremos que fazê-lo com satisfação e não por obrigação.

No poema “Estas Mãos”, Cora não só se preocupa, como também transfere sua compreensão no valor que se deve ter na delicadeza do cuidado com as mãos, porque cuidá-las faz parte, principalmente por ser uma parte fundamental da nossa estrutura física, sendo este o único membro capaz de alcançar todo o corpo.

“Minhas mãos doceras...  
jamais ociosas.  
Fecundas. Imensas e ocupadas.  
Mãos laboriosas.  
Abertas sempre para dar,  
Ajudar, unir e abençoar”.  
(CORALINA, 2013, p.63)

Além de sua lucidez, o que mais me impressiona em Cora Coralina são os seus princípios, adotados por sua independência, porque nem mesmo com a falta do pai e a falta de uma educação escolar mais avançada, por assim dizer, ela não se deixa induzir por nenhum tipo de preconceito social, seja ele cultural, racial, religioso, dentre outros. Compreender seus poemas é indiscutivelmente descobrir um diário, construído com muita clareza, porque consegue-se perceber a visão de uma mulher desembaraçada. Com sua escrita genuína, ela nos ensina com simplicidade a tarefa difícil de se chegar no topo das alegrias, o que acontece somente através da verdadeira humildade e do despojamento.

Somente com esta consciência é que seremos capazes de enfrentar as adversidades da vida. Porque a liberdade consiste no despojar-se de uma vida fútil, no entanto, não é fácil essa emancipação, porque essa decisão é basicamente priorizada somente em mulheres destemidas, guerreiras, heroínas, sendo essas capazes de lutar por sua liberdade, entretanto, não estou a falar de qualquer liberdade, porém do direito a que toda mulher tem de sentir-se capaz, e realizada não só profissionalmente, mas também afetuosamente.

Quero evidenciar com este meu trabalho a minha admiração por mulheres como Rachel de Queiroz e Cora Coralina, que descobriram a audácia como uma boa solução de mudança dentro de uma cultura opressora, e que quebram as barreiras das ideologias fundamentadas historicamente no senso comum, de que as mulheres devem ser educadas somente como prendas do lar, sendo impossibilitadas de vislumbrar uma nova história de vida, no entanto, elas conseguiram romper com as influências da geração de sua época, evidentemente que muito trabalharam, principalmente no âmbito literário, porque suas obras foram um meio de registrar o destino comum para todas as mulheres, entretanto, essas mulheres ficcionais aparecem decididas, mudando o sentido da história imposto a elas, e obstinadas e destemidas avançam na conquista da liberdade.

Porém a emancipação da mulher de que trato neste meu trabalho não é uma oposição ao casamento, e sim uma objeção à repressão dentro e fora do casamento, porque essa doutrina extrema, rígida e que provoca medo, vai

gradativamente nos causando uma cólera, pois só nos prejudica e nos sufoca, até chegar ao extremo suportável do limite e explodir, é quando surgem as alternativas na luta contra a desigualdade, profissionais e de remuneração, na qual nós mulheres temos que enfrentar ainda muitos desafios, evidenciando por exemplo a força física e a tortura psicológica provocada intencionalmente pelo opressor, o qual se encontra obstinado em seus caprichos, com a função de destruir a realização de um sonho, ou seja, de se opor à independência da mulher.

Dada sua tática de desenvolver seus poemas, Cora prossegue com suas histórias desenvolvendo sua capacidade de comunicação, capaz de enfrentar todos os obstáculos. “Cora Coralina, Quem É Você?” Por que aceita o desafio de transformar até “Pedra em Flor”. Isto é ter a coragem de exprimir o valor de sua capacidade de um modo excepcional.

“Sou mulher como outra qualquer.  
Venho do século passado  
e trago comigo todas as idades.

Nasci para escrever, mas o meio,  
o tempo, as criaturas e fatores  
outros, contramarcaram minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira  
do que escritora (...)

Sobrevivi, me recompondo aos  
bocados, à dura compreensão dos  
rígidos preconceitos do passado.

Preconceitos de classe.  
Preconceitos de cor e de família.  
Preconceitos econômicos.  
Férreos preconceitos sociais.

Nenhum primeiro prêmio.  
Nenhum segundo lugar.  
Nem Menção Honrosa.  
Nenhuma Láurea”.  
(CORALINA, 2013, p.81, 84)

Acabamos de conhecer e vislumbrar Cora Coralina, que nos apresenta suas recordações críticas, transparecendo ser uma mulher espontânea, calma e cativante, porém obstinada em transformar a personalidade de uma menina tímida em uma mulher desinibida através de sua escrita, descrevendo em seus poemas como procura articular sua dificuldade como literata na comunicação poética. E consegue fazer sua descrição de como era viver, e aceitar desde sua infância, as provocações proferidas por algumas pessoas que aderem ao preconceito. Contudo, ela relata esses episódios de tal maneira que fica difícil de o leitor se imaginar distante de tais acontecimentos. Essa sua forma de articular os acontecimentos de maneira genuína, tão objetiva e clara, sobrepõe todas as carências a que foi submetida, provocando quem a encontra em seus poemas a uma maior admiração, por apresentar em seus relatos todos os desafios que sofreu, com a deficiência da sua pouca escolaridade. Embora suas aspirações tenham se realizado, a poeta exhibe um descontentamento notável, por não ter tido o merecido reconhecimento com seus poemas, ainda em vida.

Cora sabe que a descrição que faz em seus poemas, como em “Meu Destino”, é acerca do que realmente precisamos saber, porque só será possível a realização de um sonho se formos provocados para desistir, entretanto, se depois de desafiados continuarmos resistindo às provações, possivelmente caminharemos para o triunfo, no entanto não é fácil seguir a trajetória de uma pessoa realizada, dadas as circunstâncias que precedem a vitória, porque é de fundamental importância lembrarmos das lutas que se multiplicam para a

realização de um êxito, porque o que determina essa obstinação é a vontade que temos em ocupar o nosso lugar neste mundo.

“Nas palmas de tuas mãos  
leio as linhas da minha vida.  
Linhas cruzadas, sinuosas,  
interferindo no teu destino.

Não te procurei, não me procuraste-  
lamos sozinhos por estradas diferentes.

Indiferentes, cruzamos.

Passavas com o fardo da vida...

Corri ao teu encontro.

Sorri. Falamos. (...)”

(CORALINA, 2013, p.87

Cora nos apresenta em seus poemas uma suave descrição melancólica, porém necessária, porque é inevitável alterar a ordem natural dos fatos, embora doa, porque este é o maior desafio imposto pela vida, porém é o que guarda o destino. Evidentemente que Cora descreve seus sentimentos em demasiado sofrimento, como percebe-se também no poema “Meu Destino”.

Na verdade, Cora não tem a pretensão de escrever de maneira acadêmica, porque ela reconhece sua deficiência acerca de sua escolaridade, porém isto não foi empecilho que ocasionasse um desencorajamento para realização de seu sonho, o de prosseguir escrevendo seus livros, sobre o que ela mais sabia, e sem desanimar: vai tecendo as lembranças de sua vida.

Assim como Cora, eu também sempre tive o desejo de escrever minha própria história. Contudo, não sofri nenhum trauma na minha infância, no entanto, a opressão começou a me assombrar quando fui surpreendida com a morte de meu pai, na época tinha 14 anos, e a partir desse momento passei a desconfiar que estaria abandonada a minha própria sorte, porque a pessoa na qual eu depositava toda minha confiança não estaria mais visível neste mundo para me proteger.

Não estava demasiadamente equivocada, para confirmar minha desconfiança fui surpreendida, quase que forçosamente, a acelerar um casamento com uma pessoa pela qual o meu coração batia em disparada, no entanto, era de medo, de pavor. Eu tinha horror de conviver com aquele homem, uma pessoa extremamente possessiva, capaz de me manter presa só por se sentir ameaçado com minha provável independência. Finalmente chegamos a um consenso, porém as brigas, discussões e ofensas continuaram, porque eu não conseguia tirar de mim as inquietações de ser uma mulher dependente, e lutei demasiadamente obstinada com essa ideia de ser livre. Só alcancei a separação quando fui surpreendida com a maior das desconfianças que já tivera em minha vida, ou seja, essa traição já era de se esperar, por fim, depois de anos atormentada por um casamento forçado, expressei o maior de todos os meus desejos, lutar pela minha emancipação.

Hoje eu estou cursando uma faculdade, e escrevendo orgulhosamente meu TCC, dentro da universidade sou diariamente bombardeada por conhecimentos e acontecimentos, que decorrem no universo das relações entre os livros, os intelectuais escritores, os quais também compreendem meus professores, todo conhecimento que tenho adquirido, e certa de que este é somente o primeiro degrau alcançado em minha nova vida.



Chamar um amigo para uma conversa não consiste em dizer que iremos obrigá-lo a algo, porque esta é somente uma maneira de dialogar com uma pessoa, o que realmente queremos é compartilhar emoções, e aspirações guardadas na memória.

“Vamos conversar  
como dois velhos que se encontram  
no fim da caminhada.  
Foi o mesmo nosso marco de partida.  
Palmilhamos juntos a mesma estrada.

Não pressentiu, não adivinhou  
aquela que o esperava  
mesmo antes de nascer.

Indiferente  
tomaste teu caminho

por estrada diferente.  
Longo tempo o esperei  
na encruzilhada,  
depois... depois...  
carreguei sozinha  
a pedra do meu destino.

Hoje, no tarde da vida,  
apenas,  
uma suave e perdida relembração”.  
(CORALINA, 2013, p.76, 77)

Essas lembranças, na sua grande maioria se dão por uma luta que consiste em alcançar um êxito. E um dos meus desafios está na elaboração do meu TCC, porque essa tática do diálogo ficcional prossegue, observando a obstinação de uma mulher que consiste em transformar sua vida há muitos anos.

Nasci numa época em que os pais tinham um maior número de filhos, sendo eu a caçula de oito irmãos, o que corresponde a uma típica família, sempre fui de uma alegria sem muito exagero, naturalmente cativante e muito espontânea, porém sempre muito desconfiada, entretanto, este é um modelo bem típico de algumas meninas. Por ser a última filha, tive algumas vantagens e desvantagens acerca de meus irmãos mais velhos, uma das vantagens é que eu não tive nenhuma professora que usasse palmatória, todavia sofri uma maior desvantagem, porque quando já estava atingindo a minha adolescência fui subitamente surpreendida com a morte do meu pai, e a partir deste momento abateu-se sobre mim um grande desânimo, a difícil ideia em aceitar a real situação, eu nem imaginava que iria passar por tanta dificuldade.

Assim, longe de imaginar um futuro cruel, minha mãe resolve mudar-se para Belém depois da morte do meu pai, levando-me juntamente com ela. Fomos morar em Ananindeua, nessa época não se via quase ninguém nas ruas, porque era o início de uma cidade planejada, morávamos na Cidade Nova V, e fui estudar em uma escola que ficava na Cidade Nova VI.

A escola ficava bem distante da casa onde morávamos, eu fazia todo o trajeto de ida e volta a pé, minha adaptação no início foi bem difícil, porém gradativamente fui vencendo minha timidez, fiz amizade com a Ruthleide, uma colega de classe, ainda hoje somos boas amigas, moramos cerca de dois anos lá e mudamos para Belém, minha irmã Ivanilde veio juntar-se a nós, assim morávamos as três juntas, os desafios eram grandes, passávamos por muitas dificuldades, porém um dia na escola recebi um convite para participar de uma palestra no Teatro da Paz, a palestra tratava acerca de jovens interessados em ingressar numa Escola da Marinha no Rio de Janeiro, Academia Preparatória de Armas Reunidas - APAR, cada jovem aprovado era convidado a fixar residência nesta escola, na época eu tinha quinze anos.

Para minha surpresa fui contemplada para ingressar na Academia com sede no Rio de Janeiro, sendo eu a única menina aprovada em Belém. Minha mãe não acolheu a notícia com alegria, em função da separação que ocorreria entre nós, deste modo escrevi uma carta agradecendo a oportunidade, e a APAR

me respondeu por muitas vezes sempre me incentivando para que eu nunca desistisse dos meus sonhos.

Aos dezessete anos precisei morar com uma tia, porque minha mãe não tinha condições financeiras de me manter junto com minha irmã na escola, evidentemente que diante desta situação só daria para que apenas uma estudasse, de modo que no ano seguinte resolvi voltar para Capanema, cidadezinha onde nasci, fiquei durante um ano e retornei a Belém. Os dois anos em que precisei morar com outras pessoas foram ainda mais cruéis, porque embora sendo parentes, eles eram indiscutivelmente piores que um estranho, no entanto, voltei disposta para enfrentar qualquer desafio, e imediatamente comuniquei minha mãe que a partir daquele dia iria trabalhar e estudar, e que ela por favor não se opusesse, porque eu já era de maior, e assim o fiz, arranjei trabalho numa fábrica de doces, que ficava próximo da casa em que morávamos em Belém, e levei juntamente comigo minha irmã.

De modo que eu nem imaginava que estivesse tão próximo o meu triste destino, e sem que eu esperasse ele se apresenta diante de mim, causando-me grande desconforto, e assim travamos um combate, porque ele era, e ainda é, uma pessoa extremamente insistente, teimava em querer ver-me pessoalmente, recordo de sua falsa preocupação em querer nos ajudar, todos os dias batia na porta da casa onde morávamos, sempre com uma novidade, todos os dias era uma história, um dia inventava de se aproximar trazendo peixe, outro dia charque, outro dia ovos, e assim sucessivamente.

Desde o princípio algo dentro de mim não se fazia tranquilo com a presença daquele homem, porque ele é uma pessoa extremamente dissimulada, assim sendo ele foi trabalhando a mente da minha mãe com conversas de bom moço. Porém fui descobrindo nos olhos da minha mãe uma dolorosa desilusão acerca do meu futuro, fiquei muito preocupada, e comecei a refletir a chance de namoro com aquele homem, nenhum dos meus irmãos viu com bons olhos, porque ele tinha mais que o dobro da minha idade. Minha mãe, consciente da realidade, procurava me tranquilizar, argumentando que ninguém foge ao seu destino, e que eu teria vantagens por ele ser bem mais velho, que provavelmente ele já teria brincado o suficiente, e que não iria me abandonar sozinha dentro de uma casa para se divertir na rua, como faz a maioria dos jovens quando se casam. O meu sentimento era comparado ao de um boi indo para o matadouro.

Ele passou a frequentar a nossa casa como meu provável namorado, porém éramos exatamente dois estranhos, tinha eu uma enorme resistência a sua aproximação, ficávamos todos reunidos no mesmo ambiente, ou seja, ficávamos todos na sala assistindo TV, até que um dia ele surge com uma desculpa, de que precisava ir urgentemente levar uns camarões rosa frescos para o irmão, caso contrário iriam estragar no porta malas do carro, e insistiu com a minha mãe para que eu fosse com ele, recordo-me dele tranquilizando a minha mãe para que ela não se preocupasse, fiquei trêmula, minha mãe permitiu, e se dirigiu a mim com a intenção de me tranquilizar, e disse-me, vá minha filha, eu confio em você, porém como já relatei anteriormente acerca de seu caráter, dele ser uma pessoa dissimulada, porque era tudo uma farsa, o objetivo era acelerar nossa união, e assim ele planejou, adentrando no primeiro motel, sem combinar absolutamente nada comigo, sabendo que eu ainda era virgem, fiquei em estado de choque, paralisada, não conseguia nem mesmo mover os olhos, foi a pior das experiências que eu já tive em toda minha vida, a partir deste momento tive a

plena convicção de que não seria possível corresponder a este senhor o mais terno dos meus sentimentos.

Porém para ironia do destino fiquei grávida, portanto este era o motivo, o qual ele procurava, de maneira que até o atual momento ainda não havia surgido nenhum filho dele com nenhuma mulher. De modo que passamos a morar juntos, porque já não caberia a essa altura uma moça ficar grávida na casa da mãe, então melhor que casasse para que não escandalizasse ainda mais a família. Entretanto ele experimentou fazer comigo exatamente como se faz com um animal selvagem, ou seja, tentou me adestrar, nossa relação sempre existiu nesse sentido, ele sempre querendo me por cabresto como se eu fosse um bicho. Passaram-se os nove meses, e eis que nasce meu primeiro filho, devo reconhecer que ele era completamente lindo, um bebê com pele alva e rosada com lindos olhos verdes, uma criança perfeita, automaticamente fomos conquistados um pelo outro, ele fez surgir a alegria em meus lábios, e nossa terna intimidade de mãe e filho podia ser vista pelos nossos olhos, e pelo nosso sorriso, porque este era um amor recíproco e verdadeiro.

Passados poucos meses da chegada do Romulo, percebi as inquietações maliciosas de seu pai em direção a mim, tornando-se insistente com suas excitações ao me ver, devo reconhecer que sou uma mulher muito fértil, porque bastava uma relação para que eu ficasse grávida, evidentemente que isto provocou em mim um súbito desespero, com a mais absoluta convicção de que depois desta minha gestação eu não teria mais nenhum filho, e assim se deu.

Nasce então meu segundo filho, uma bela menina de pele morena e rosada com lindos olhos azuis, a que dei o nome de Regeane, agora eu me sentia realizada como mãe, porque tinha sido abençoada com um lindo casal de filhos, entretanto as inquietações pessoais de ser uma mulher independente me intrigavam, essa era uma necessidade que me perturbava diariamente, tentava me esforçar ao máximo para não subestimar e nem provocar nenhum tipo de ira no pai dos meus filhos, porque embora tivéssemos combinado que iríamos permanecer juntos para criar nossos filhos, ele jamais aceitou qualquer proposta que evidenciasse a minha provável independência. E assim fui controlando meus impulsos e sufocando em segredo minhas inquietações, porque aprendi gradativamente a compreender as necessidades dos meus filhos, e os priorizei em minha vida, no entanto, minhas inquietações eram comparadas a um vulcão adormecido.

Passados nove anos do nascimento do meu primeiro filho, tive um desejo incontrolável em fazer a prova do vestibular, me dirigi até a antiga Faculdade Federal de Ciências Agrárias do Pará (FCAP), e realizei minha inscrição, em agronomia, e para minha grande surpresa meu nome constava no listão dos aprovados, porém não poderia comemorar, porque sabia que eu não iria poder efetuar minha matrícula, pois o curso era extensivo, retornei para casa desolada, ao adentrar fui surpreendida com a presença do pai dos meus filhos, que logo me perguntou, você foi aprovada? Com aquele tom de negação, fiquei paralisada, e ele continuou, não pense que eu irei ser babá, como também não irei pagar babá para que você estude.

Fiquei durante anos com aquela imagem do meu nome no listão dos aprovados, entretanto sufocava dolorosamente dentro de mim essa sede por minha independência, é evidente que me mantive como uma boa mãe, cuidando pacientemente dos meus filhos, para vê-los crescidos e formados, porém logo que a minha filha se formou, comecei arduamente a me preparar para minha

mais sonhada aventura. Determinada e decidida dos meus propósitos, fiquei atenta às oportunidades, e eis que surge na TV Cultura a notícia de que a UFPA realizaria uma prova pelos alunos de Letras, no qual o curso tem um projeto, em técnicas de redação, interessados deveriam dirigir-se até a UFPA, para realizar as inscrições, e assim o fiz, para concorrer à vaga, com o posicionamento de que “*você merece ser aprovado*”, e novamente fui aprovada, este projeto *ENTRELETRAS* tinha a coordenação da professora Rosa Brasil. Inserida no meio acadêmico, fui informada de outros projetos que aconteciam na universidade, fiz uma outra inscrição, em outro projeto, *OFICINA DO VESTIBULANDO*, sob coordenação geral do professor Ciríaco, este projeto funciona como uma espécie de cursinho, porém de graça, funcionando somente nos finais de semana e feriados, alguns professores selecionam alguns alunos para prepará-los na iniciação à docência, esta oficina foi fundamental para realização da minha prova do ENEM.

Devo admitir que esta realização da minha prova do ENEM só se deu porque o pai dos meus filhos não tinha esclarecimento do meu provável ingresso em uma universidade, porque na imaginação dele o ENEM era somente para avaliar o ensino médio, porque era assim que acontecia, e foi com este método que os meus filhos realizaram a prova do ENEM. De tal maneira que se o pai deles soubesse que o ENEM tinha se transformado neste “vestibularzão”, que é mais evidente hoje, ele não teria em hipótese nenhuma permitido a realização da minha prova, como o fez com a prova do vestibular, nesse mesmo ano, para o qual eu tinha me inscrito em Direito. Ao se aproximar do dia do exame, ele saiu e quando retornou bebido provocou uma discussão premeditada com a intenção de me agredir, ocasionando fortes dores no meu corpo, e me impossibilitando física e psicologicamente para a realização da minha prova na UFPA, chorei abundantemente trancada no meu quarto, impressionada com aquela situação, que no momento parecia não ter saída.

Porém logo suspirei fundo, porque para minha grande alegria nem tudo estava perdido, o SISU abriu as inscrições para nota de corte do ENEM, fiz minha 1º opção em LETRAS para Belém, não deu, precisei esperar a próxima chamada, e imediatamente comecei a pesquisar os possíveis estados no qual ingressaria com minha nota, e que por ventura não fosse tão distante, para que não ocasionasse um maior sofrimento no coração da minha mãe, bem verdade que toda esta minha preparação era mantida no mais absoluto segredo, me esforçava ao máximo para não deixar transparecer minha tão grande ansiedade.

Precisei me ausentar dois dias de Belém, evidentemente que eu estava aflita aguardando a tão esperada aprovação, porém ao retornar para minha casa não consegui conter minha ansiedade, ao adentrar procurei agir de maneira mais natural possível, e finalmente suspiro fundo e fui visitar o meu e-mail, e eis a resposta, aprovada, fiquei sem chão e extremamente nervosa, porque este era o último dia para a realização da inscrição, precisava fazer todos os procedimentos, porém eu não conseguia nem preencher a ficha, meu filho percebeu minha aflição e se dirigiu a mim calmamente, e me indagou, o que está acontecendo? Contei-lhe tudo, pedi que guardasse o mais absoluto sigilo, evidentemente que meu filho foi um amigão, e com muita responsabilidade realizou minha inscrição, ao final me olhou com ternura nos olhos com a garantia de dever cumprido e me pedindo calma.

Dois dias depois recebi um comunicado para me informar que eu estava devidamente matriculada, e que comparecesse na universidade após a greve.

Terminada a greve me dirigi até a rodoviária para comprar minha passagem para Araguaína, evidentemente que já havia pesquisado para ter conhecimento da cidade, e descobri que ela assim como eu lutou por sua emancipação, ou seja, sou de uma nação que lutou por sua liberdade, e de um país que lutou por sua independência.

As malas já estavam feitas, e os documentos todos organizados, chegado o dia do embarque antes de subir no ônibus dei um forte abraço no meu filho, o qual me olhou com os olhos cheios de lágrimas, e disse-me, “agora me arrependo de ter feito sua inscrição”, afaguei-o carinhosamente, e subi no ônibus decidida a romper com aquela triste história de vida, a minha preocupação durante a viagem consistia em chegar num lugar desconhecido, no qual eu não conhecia absolutamente ninguém.

A viagem se deu durante a noite toda, sendo interrompida na manhã seguinte, para despertarmos com café, isto se deu no último município do Maranhão denominado Estreito, que faz fronteira com o Tocantins, quebrado nosso desjejum voltamos para o ônibus, o qual novamente segue viagem, porém enquanto prosseguia resolvi timidamente perguntar para o rapaz que estava ao meu lado se ele conhecia Araguaína, e contei-lhe sobre minha situação, educadamente ele me acalmou, e disse-me, “não se preocupe, eu sou professor na UFT, na MVZ, e estou fazendo o meu doutorado em Belém, irei levá-la até a universidade”, e assim o fez, deixando-me aos cuidados do meu queridíssimo Danilo, o qual na época trabalhava na administração da UFT e fez as honras da casa, hospedando-me na casa do estudante, contudo não pude permanecer, precisando retornar a Belém porque as aulas só iniciariam no final do ano, ou seja, essa primeira viagem serviu mais especificamente para me situar e autenticar meus dados, comprovados com os documentos originais.

Ao regressar para Araguaína fui contemplada com uma vaga na casa do estudante, evidentemente que despertei bons e maus sentimentos entre os membros da casa, no entanto, conquistei bons amigos que trago em meu coração, primeiramente Danilo, Vinícius, Leandro, Marta, Alderina, Neguinha, Xibel, Pedro, Paulinho, logicamente que eles nem imaginavam, e nem imaginam, o espaço que ocupam no meu coração.

Na faculdade fui contemplada com a amizade do meu queridíssimo amigo Davi, e mais posteriormente agraciada com a amizade da Leane, e também sou muito grata a minha turma na faculdade, recordei-me que quando iniciei meus coleguinhas de classe ficaram extasiados com a minha presença, chegaram em suas casas no maior entusiasmo, e incentivaram suas mães a fazerem também uma faculdade, de modo que algumas iniciaram, porém desistiram.

Todos estes acontecimentos se deram, entretanto, o desafio foi grande, porque eu nunca havia saído de casa, ou seja, de perto da minha família, evidentemente que existiram pessoas que duvidaram da minha ousadia, inclusive você, Max, também duvidou da minha coragem, porém eu os perdoei todos, porque duvidaram pensando que eu não iria suportar e encarar corajosamente essa nova história.

Quero que a minha ousadia em transformar uma triste história despedaçada sirva de incentivo para encorajar outras mulheres destemidas na luta por sua independência, e assim acreditem que é possível escrever uma nova história, assim como eu estou fazendo, reescrevendo orgulhosamente a história da minha vida.

Despeço-me, lembrando que, quando iniciei minha faculdade, já sonhava escrever meu TCC descrevendo minha história de vida, no entanto, jamais imaginei que ao se aproximar do final do curso fosse ser surpreendida com fatos extremamente dolorosos, porém já previstos por Deus ou pelo destino. A frágil saúde de minha mãe teve um forte agravante, e cada vez mais avançava sua enfermidade, deixando-a cada dia mais debilitada, levando-a depois de um ano de muito sofrimento. Devo confessar que desejei muito que ela me visse formada, porém terei que me conformar, porque nossos planos são diferentes dos planos de Deus.

Minha mãe era filha e neta de escravo, contudo, casou-se com meu pai, o qual nasceu em uma família na qual não existia nenhuma pessoa negra, gerando nela uma imensa preocupação na criação dos filhos, minha mãe sempre nos chamava atenção para que nós não déssemos nenhum motivo para que a família do meu pai não tivesse o que falar nem dela, e nem de nós. E sempre nos aconselhava dizendo, “a gente sempre com os direitos da gente, nunca devemos dar nossos direitos a ninguém”. Éramos compreensíveis a sua verdadeira preocupação, porque sabíamos dos traumas e das dores que ela havia sofrido na vida.

Entretanto, Deus ou o destino me preparou uma boa surpresa, e me apresentou uma cearense extraordinária, preparada não só para ser minha professora mas também uma grande amiga, ao me dirigir a ela para ser minha orientadora no meu TCC nenhuma de nós imaginávamos que as escritoras com quem eu decidira trabalhar fossem comuns entre nós duas, esta coincidência só nos beneficiou, porque eu pude desenvolver meu trabalho com alguém que já conhecia as obras das duas escritoras, vendo ela o meu entusiasmo apenas disse-me, “escreva, eu confio em você!”, e eu experimentei ousadamente a maior de todas as minhas aventuras, lisonjeada em poder dialogar no meu TCC, não só com a primeira mulher que ingressou na Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz, como também com Cora Coralina, duas mulheres, dois ícones, dois grandes exemplos de vida.

## CONCLUSÃO

A minha pesquisa literária me fez refletir que a Literatura é um bem cultural e significativo, no que tange ao desenvolvimento cognitivo e linguístico, acerca da imaginação, e que, portanto, favorece ao leitor diferentes saberes, seja no universo ficcional ou real.

Considerando a Literatura segundo Antonio Candido, que fez despertar em mim a compreensão de reescrever e encarar minha própria história de vida, não somente apenas privilegiando os problemas de uma simples vida, mas acima de tudo mostrando uma longa viagem árdua e complexa, desde meus catorze anos, porém, sempre consciente na obstinada luta por minha autonomia.

Deste modo a Literatura não só me ajudou como também sempre me envolveu, não só pessoalmente, como também emocionalmente. Lembrando que Antonio Candido, em “*O direito à literatura*”, esclarece que “(...) a fruição da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. Portanto, depois de a Literatura ter sido expressa por muitos anos nas escolas dentro de um conceito tipicamente tradicional, ou seja, desprovido na sua grande maioria de um sentido significativo acerca dos textos literários, é que Rildo

Cosson vem com o seu livro *Letramento Literário: Teoria e Prática* provocar uma discussão acerca dos estudos de literatura em sala de aula.

E para maiores transformações no que tange às questões de gênero, apresento em meu trabalho Simone de Beauvoir, que expressa em sua obra *O Segundo Sexo* o direito à liberdade que consiste um direito do gênero feminino, evidentemente que sua crítica sobre a opressão é muito marcante. Assim também Maria Amélia de Almeida Teles, que destaca em seu trabalho a violência contra a mulher, comunica em seu livro *O que são os direitos humanos das mulheres* os direitos que nos são legalmente conferidos.

Procurei demonstrar em meu trabalho esta mudança, que é sair do senso comum, porque existem várias maneiras para uma mulher se emancipar, e isto se dá primeiramente através da vontade de realizar um sonho.

Em um dos poemas do livro *Nunca desista de seus sonhos*, de Augusto Cury, o qual apresentarei em anexo, revela-se a curiosidade de uma criança que ao se dirigir a um sábio, questiona-o, “que tamanho tem o mundo? ”, e sabiamente o pensador lhe responde, “tem o tamanho dos seus sonhos”, porque por mais complexa que seja a vida, os sonhos tem a função de nos encantar, e de nos conduzir em direção a uma meta acerca de nossas crenças, esta obstinada busca na realização de um sonho nos encoraja a desconsiderar todas as dificuldades e obstáculos que possam surgir no caminho.

Desta forma compreendo que a leitura literária sempre deixa em cada um de nós uma lição de vida, cada leitura é uma experiência que vai nos conduzindo enquanto leitores do mundo a sermos seres pensantes, e sem dúvida nenhuma que a literatura acaba refletindo em nossa vida. Portanto, é neste sentido que o estudo literário se justifica pelo gosto na leitura, e pela satisfação de saborear o conhecimento.

Ao iniciar minha leitura, com meu TCC, pude me tornar não só uma personagem, como também autora de minha própria história. Porque é somente a partir da leitura que aprendemos a interpretar e compreender, porque a leitura é significativa quando nos transforma e nos constrói.

Portanto é óbvio que eu estou a falar no meu trabalho sobre a integridade da mulher, como um ser independente e participativo na luta por uma sociedade mais justa, diante de uma realidade a qual nós mulheres fomos submetidas a sermos apenas prendas do lar. Eu realmente penso que em meio a tantos desafios nenhuma mulher deve deixar sucumbir a realização de um sonho, neste caso, a realização do meu sonho consiste em meus estudos, desde minha infância sempre tive esta plena convicção, entretanto, surgiram algumas dificuldades, forçando-me a adiar por alguns longos os melhores anos da minha vida, realizados na experiência com meus estudos em uma universidade.

Porém eu penso que a pior experiência é quando alguém resolve desistir da vida, é evidente que eu encontrei uma maneira de sobreviver em meio a um imposto destino, porém fui recompensada com a maternidade, meus filhos foram durante muitos anos o meu conforto, que se estabelecia entre a paciência e a esperança de viver algum dia minha tão improvável aventura.

Porque estava presa em um relacionamento que consistia em não me permitir nem ao menos conversar com alguém, muito menos estudar, evidentemente que outras mulheres ainda vivem nesta lei do silêncio, provavelmente por medo.

Foi justamente pensando nesta realidade que eu senti a necessidade de escrever, através do meu TCC, um ensaio que crie uma perspectiva com novos

caminhos na UFT, sobre a violência contra a mulher, porque realmente é o que consiste como pano de fundo neste meu Trabalho de Conclusão de Curso, essa luta que se dá pelo pleno direito por dignidade e que não pode sucumbir. Lembrando que tanto as mulheres ficcionais apresentadas na obra de Rachel de Queiroz, como também Cora Coralina, são exemplos de mulheres na luta por uma obstinada independência.

Quero também destacar e agradecer o meu professor e amigo Wandercy de Carvalho, por ter me presenteado com seu livro: *O Resumo Acadêmico – Teoria e Prática*, porque através dele obtive mais esclarecimento na organização do texto.

Este Trabalho de Conclusão de Curso acerca de histórias de vida é de fundamental importância, não somente para mim, mas que também seja um convite para novas escritas libertadoras, porque foi através deste texto que eu consegui romper com o silêncio que me rodeava há muito tempo.

Deste modo, espero que este meu trabalho seja um incentivo para outras mulheres que lutam por sua tão sonhada independência, evidentemente que não é fácil, porém se eu consegui, outras mulheres com os mesmos propósitos também conseguirão sair do senso comum e reescrever uma nova história de vida.



## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

CARVALHO, Eleuda. *Rachel de Queiroz- O Quinze - Romance*. Caderno Vida & Arte. Fortaleza: jornal O POVO, 03/07/2005.

CORALINA, Cora. *Meu Livro de Cordel / 18ª ed.* – São Paulo: Global, 2013.

\_\_\_\_\_. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais / 23 ed.* – São Paulo: Global, 2014

\_\_\_\_\_. *Estórias da Casa Velha da Ponte / 14 ed.* - São Paulo: Global, 2014

\_\_\_\_\_. *Melhores poemas / seleção e apresentação Darcy França Denófrío, 3ª ed. rev. e ampliada* – São Paulo:

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática/ 2ª ed.* Contexto, - SP, 2014.

CURY, Augusto. *Nunca desista de seus sonhos*. Rio de Janeiro: Sextante, ed. popular. 2013.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo "Não se nasce mulher, torna-se"/ 4ª ed.*, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1961

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze/ 98ª ed.* –José Olympio, Rio de Janeiro, 2015.

\_\_\_\_\_. *Dôra Doralina /9. Ed.* – Siciliano, São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. *As três Marias / 26ª ed.* José Olympio, Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. *Memorial de Maria Moura / BestBolso*, Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Não Me Deixes /3 ed.:* José Olympio, Rio de Janeiro 2010.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *O que são direitos humanos das mulheres*. Brasiliense, São Paulo, 2006.

## ANEXO I

Os anexos que trago em meu trabalho têm por objetivo fundamentar a comprovação, em ilustrações, dos elementos que não foram elaborados por mim.

Do livro de Cora Coralina, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*.

### Minha Infância

(Freudiana)

Éramos quatro as filhas de minha mãe.  
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.  
Duas me precederam - eram lindas,  
mimadas.  
Devia ser a última, no entanto,  
veio outra que ficou sendo a caçula.

Quando nasci, meu velho Pai agonizava.  
logo após morria.  
Cresci filha sem pai,  
Secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia.  
Amarela, de rosto empalorado.  
De pernas moles, caindo à toa.  
Os que assim me viam – diziam:  
“- Essa menina é o retrato vivo  
do velho pai doente ”.  
Tinha medo das estórias  
que ouvia, então, contar:  
assombração, lobisomem, mula sem  
cabeça.

Almas penadas do outro mundo e do  
capeta.  
Tinha as pernas moles  
e os joelhos sempre machucados,  
feridos, esfolados.  
De tanto que caía.  
Caía à toa.

Caía nos degraus,  
Caía no lajedo do terreiro.  
Chorava, importunava.  
De dentro a casa comandava:  
“- Levanta, moleirona ”.

Minhas pernas moles desajudavam.  
Gritava, gemia.  
De dentro a casa respondia:  
“- levanta, pandorga ”.

Caía à toa...  
nos degraus da escola,  
no lajeado do terreiro.  
Chorava. Chamava. Reclamava.  
De dentro a casa se impacientava:  
“- Levanta, perna-mole...”

E a moleirona, pandorga, perna-mole  
se levantava com seu próprio esforço.

Meus brinquedos...  
Coquilhos de palmeira.  
Bonecas de pano.  
Caquinhos de louça.

Cavalinhos de forquilha.  
Viagem infundáveis...  
Meu mundo imaginário  
Mesclado à realidade.

E a casa me cortava: “menina inzoneira!”  
Companhia indesejável – sempre pronta  
a sair com minhas irmãs,  
era de ver as arrelias  
e as tramas que faziam  
para saírem juntas  
e me deixarem sozinha,  
sempre em casa.

A rua... a rua!...  
(Atração lúdica, anseio vivo da criança,  
mundo sugestivo de maravilhosas  
descobertas)  
- proibida às meninas do meu tempo.  
Rígidos preconceitos familiares,  
normas abusivas de educação  
- emparedavam.

A rua. A ponte. Gente que passava,  
o rio mesmo, correndo debaixo da janela,

eu via por um vidro quebrado, da vdraça empanada.

Na quietude sepulcral da casa,  
era proibido, incomodava, a fala alta,  
a risada franca, o grito espontâneo,  
a turbulência ativa das crianças.

Contenção... motivação... Comportamento estreito,  
limitando, estreitando exuberâncias,  
pisando sensibilidades.  
A gesta dentro de mim...  
Um mundo heroico, sublimado,  
superposto, insuspeitado,  
misturado à realidade.

E a casa alheada, sem pressentir a  
gestação,  
acrimoniosa repisava:  
“- menina inzoneira! ”  
O sinapismo do ablativo  
queimava.  
Intimidade, diminuída. Incompreendida.  
Atitudes impostas, falsas, humilhantes.  
E o medo de falar...  
E a certeza de estar sempre errando...  
Aprender a ficar calada.  
Menina abobada, ouvindo sem responder.

Daí, no fim da minha vida,  
esta cinza que me cobre...  
Este desejo obscuro, amargo, anárquico  
de me esconder,  
mudar o ser, não ser,  
sumir, desaparecer,  
e reaparecer  
numa anônima criatura  
sem compromisso de classe, de família.

Eu era triste, nervosa e feia.  
Chorona.  
Amarela de rosto empalamado,  
de pernas moles, caindo à toa.  
Um velho tio que assim me via  
dizia:  
“- esta filha de minha sobrinha é idiota.  
Melhor fora não ter nascido! ”

Melhor fora não ter nascido...  
Feia, medrosa e triste.  
Criada à moda antiga,  
- ralhos e castigos.  
Espezinhada, domada.  
Que trabalho imenso dei à casa  
para me torcer, retorcer,  
medir e desmedir.  
E me fazer tão outra,  
diferente,  
do que eu deveria ser.  
Triste, nervosa e feia.  
Amarela de rosto empapuçado.  
De pernas moles, caindo à toa.  
Retrato vivo de um velho doente.  
Indesejável entre as irmãs.

Sem carinho de Mãe.  
Sem proteção de Pai...  
- melhor fora não ter nascido.  
E nunca realizei nada na vida.  
Sempre a inferioridade me tolheu.  
E foi assim, sem luta, que me acomodei  
na mediocridade de meu destino.  
(CORALINA, 2014, p. 168)

## ANEXO II

Do livro de Cora Coralina *Estórias da Casa Velha da Ponte*.

- “CASA VELHA DA PONTE, és para o meu cântico ancestral uma benção madrinha do passado”.  
(CORALINA, 2014, P. 12)



“Neste meio me criei e me fiz jovem. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas, e eu me fiz ao longo da vida. Andei por mundos ignotos e cavalguei o corcel branco do sonho. Pobre, vestida de cabelos brancos, voltei à casa velha CASA DA PONTE, barco centenário encalhado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia, de monarcas e adventos. Ancorada na ponte, não quiseste partir rio abaixo, agarrada às pedras. Nem mesmo o rio pôde te arrastar, raivoso, transbordante, lavando tuas raízes profundas a cada cheia bravia, velha casa de tantos que se foram”. (CORALINA, 2014, P. 12)

### ANEXO III

Darcy vem nos apresentar o livro *Melhores Poemas de Cora Coralina*, uma coletânea organizada por partes.

#### CORA DOS GOIASES

“Este nome não inventei”, diria parodiando as primeiras palavras de Drummond ao apresentar Cora Coralina ao Brasil, pelo jornal do Brasil, a 27 de dezembro de 1980, portanto há mais de duas décadas. Ele se referia à autora. Nós ao título.

Por honestidade intelectual, devemos dizer que, apesar de assinar uma coleção denominada **Lavra dos goiases**, foi Oswaldino marques quem sugeriu este epíteto à poetisa goiana em magnífico ensaio publicado mais de uma vez e antes mesmo de conhece-la pessoalmente. Esse estudo foi aproveitado como prefácio já na primeira edição de **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, pela Editora da UFG, em 1978, comparecendo depois em todas as demais edições, incluindo as subseqüentes da Global, até o momento. Foram estas as suas palavras: “Assim como Juana de Ibarbourou foi cognominada Juana da América, assim a nação do planalto brasílico deveria, numa festa de consagração nativista, rebatizá-la Cora dos Goiases, o que, ou muito me engano, lhe saberia ao seu mais constelado galardão”.

Por considerá-la um verdadeiro símbolo de Goiás, rebatizamo-la com este título, cumprindo parcialmente o desejo do renomado crítico e professor, expresso há mais de 25 anos. E o fazemos exatamente dentro do espírito daquela nossa coleção que vive de honrar os luminares de nossa literatura goiana e cujo quarto volume sonhava transformar-se numa outra Casa de Cora Coralina. Não podendo laureá-la dessa forma, quis Deus ou o destino que a Editora Global me convidasse para realizar este honroso trabalho com ele, saldo pelo menos parte de meu débito com a autora, cuja obra teve o poder de transformá-la em um belo ícone de Goiás, tanto quanto é, para nós, o rio Araguaia.

Difícil foi acomodar os poemas na extensão prevista para esta antologia, que deveria seguir um perfil previamente definido pela Editora. Rebeldes à contenção lírica ou a quaisquer outras restrições, os poemas de Cora Coralina são frequentemente lírico-narrativos e alguns de seus melhores poemas chegam a cobrir dez ou mais páginas. Esta antologia segue um critério cronológico e temático, predominando, excepcionalmente, o segundo sobre o primeiro. Mas, acima de tudo, um critério estético. Sem citar o nome das obras, os poemas aparecem, em cada bloco, com raras exceções, na ordem de publicação dos livros: **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, **Meu livro de cordel**, **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. Aliando o tema a expressões recorrentes no texto da autora, criamos as seguintes seções: “Nos reinos de Goiás”, “Canto de Aninha”, “Criança no meu tempo”, “Paraíso perdido”, “Entre pedras e flores”, “Canto solidário” e “Celebrações”.

## ANEXO IV

“Rachel de Queiroz, concorreu contra o jurista Pontes de Miranda para a vaga de Cândido Mota Filho da cadeira 5 da Academia Brasileira de Letras. Venceu o pleito ocorrido em 4 de agosto de 1977 por 23 votos, contra 15 dados ao opositor e um em branco. Foi empossada em 4 de novembro de 1977. Recebida por Adonias Filho, foi a quinta ocupante da cadeira 5, que tem como patrono Bernardo Guimarães. Autora de destaque na ficção social nordestina. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Em 1993, foi a primeira mulher galardoada com o Prêmio Camões. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 15 de agosto de 1994, na ocasião do centenário da instituição”.



"[...] tento, com a maior insistência, embora com tão precário resultado (como se tornou evidente), incorporar a linguagem que falo e escuto no meu ambiente nativo, Língua com que ganho a vida nas folhas impressas. Não que o faça por novidade, apenas por necessidade. Meu parente José de Alencar quase um século atrás vivia brigando por isso e fez escola."

## ANEXO V

Para minha apresentação crítica das obras de Rachel de Queiroz, trago do jornal *O POVO*, cultura *Vida & Arte*, publicado em Fortaleza (Ceará), no domingo, 3 de julho de 2005, com reportagem de Eleuda de Carvalho.

4



vida & arte cultura

FORTALEZA-CE, DOMINGO, 3 de julho de 2005

O POVO

“E SOLETRAVA OS ÁSPEROS NOMES COM QUE SE INVOCAVA DEUS, PELAS TERRAS DO MUNDO”

(CONCEIÇÃO, PERSONAGEM CENTRAL DO ROMANCE O QUINZE, LENDO OS LIVROS POSITIVISTAS DA BIBLIOTECA SERTANEJA QUE FOI DE SEU AVÔ)

FOTOS CLAUDIO LIMA



NÃO ME DEIXES, em Quixadá: "pedacinho" construído para que Rachel nunca olvidasse de seus ancestrais

# NO RASTRO DE DONA RACHEL

**O QUINZE** | Rachel de Queiroz não tinha nem 20 anos quando publicou seu primeiro livro. O romance causou sensação muito além da pequena Fortaleza, onde foi impresso, e inscreveria o nome da

autora no rol dos grandes escritores de língua portuguesa. O *Vida & Arte* revisita o sertão de Rachel no ano em que se lembra os 75 de publicação do *O Quinze* e os 90 da seca que o inspirou

Eleuda de Carvalho  
da Redação

Na estrada, a mata em flor. Os cálices roxos das jitrinas entre miríades de corolas explodindo em amarelos, azuis, violetas, outras alvas feito capuchos de algodão, da rubra cor de sangue ou rosa pálido. Os monólitos, por toda a parte, ossos minerais da montanha primordial. No oco das locas, nas brechas dos paredões desabados, finas fendas, em qualquer nicho com um pouco de água: o verde-verde das bromélias e cactus magros de braços abertos ao céu de anil. Um jabuti arcaico cruza a pista em fogo, lento. Escapou salvo e são da velocidade dos pneus. Nada nesta paisagem viva lembra o horror de 90 anos atrás, quando o Ceará foi assolado por uma seca medonha. Houve outras piores depois, em 1918, 1932, 1942, a de 58... Porém, no imaginário brasileiro, a seca do 15 plasmouse como sinônimo de retirantes aos magotes, carcaças ressequidas dos bichos exaustos, e sombra só a da Velha do Chapéu — o nome sertanejo da fome — devorando o pouco que o sol não conseguiu matar.

E por que esta permanência, ao ponto de, ao tempo de minha infância, mentis magra demais,

ganhar na escola o terrível apelido de “Seca do Quinze”? Hoje tenho certeza que o motivo foi este livrinho, escrito pela filha mais velha de dona Clotilde e seu Daniel. Voltar ao sertão que Rachel de Queiroz imortalizou no romance *O Quinze*, publicado em 1930, quando a autora não tinha ainda completado 20 anos, é visitar a fazenda de seus ancestrais, o Junco. E também o pedacinho que ela construiu pra nunca olvidar seu cê. Para chegar ao Não Me Deixes, a generosa companhia de Rosita Ferreira de Souza, bióloga e professora, secretária e amiga fiel. Rosita é neta da famosa Madinha — Francisca Ferreira da Silva, a quituteira da fazenda Califórnia (da avó de Rachel — Rachel também), personagem do livro *A Cozinha do Não Me Deixes*.

O Não Me Deixes dista quase 30 km da sede do município, e foi um presente de seu Daniel à primogênita. Ela construiu a casa no local que o pai indicou. “A fazenda já tinha este nome. Era do tio-avô dela, Arcelino de Queiroz. O ano exatamente eu não sei, mas foi em 1954 ou 55. Me lembro muito bem do marido dela, o doutor Oyama de Macedo, dirigindo um jipão, vinham por terra do Rio de Janeiro pra cá. Ainda não tinha energia aqui, e eles passavam logo lá por

casa e pegavam a lâmpada de gás”, lembra. Rosita conta como foi a inauguração: “Ela deu uma grande festa, a Festa da Carneira. Potes e potes de aluá, muita tapioca, bolo de milho, de macaxeira, milho cozido. Saí de lá duas horas da madrugada e ainda ficavam dançando.



**O Não Me Deixes dista quase 30 km da sede do município, e foi um presente de seu Daniel à primogênita. Ela construiu a casa no local que o pai indicou**

Aqui tem um morador que toca sanfona. Ela pediu: “Rosita, chame ele aqui pra tocar”. E ele lá, era assina. Rachel era muito divertida e gostava que os moradores participassem. A última vez que ela veio foi em 2001, passou quatro meses. Parece que estava se despedindo”. A casa-grande é precedida por um bosque de pau-branco louro. Uma placa na entrada informa que o Não Me Deixes é reserva particular do patrimônio natural. Em 2001, mais de 300 pássaros aprendidos pelo Ibmam foram soltos lá.

“A terra é boa, dá muito algodão, milho e feijão. Este ano chevi todo o maio e junho, e o acude tomou mais de meio metro d’água”, conta ela. A casa-grande foi feita ao modo da casa velha do Junco, arrodada de alpendres, com chão de tijolos. As janelas abrem para fora, e ficam firmes com prendedores em forma de bonequinhos, feitos uns de ferro, outros de madeira. Toda branca de cal, as portas e janelas são pintadas de azul Delrey 26. Perrinho, vê-se a casa do feitor, Manoel Dias Tavares, 62 anos, filho de uma amiga de infância da escritora. Quem cuida da casa é a mulher dele, dona Alzimir Ferreira Lima, auxiliada pelo copeiro Aldemir Gomes da Silva, 23.

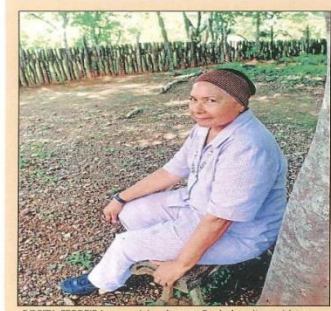
“Rachel era caridosa, muito caridosa. Desde 1976 que eu faço

os pagamentos da fazenda. Me dizia, quando aumentou o salário, pague. Não deixe meus caboclos passarem necessidade”, relembra Rosita. As ramãs de simpatia emolduram a cerca que despenca pra banda do açude, pertinho da casinha anexa que era o escritório sertanejo de Rachel: foi ali que ela escreveu o *Memorial de Maria Moura*. No alpendre, a rede de tucum balança vazia, na aragem da manhã. À esquerda, um pelotão de mandacaras e seus lindos frutos vermelhos.

Dentro, a simplicidade impera. “Todos os móveis foram feitos com canarua da fazenda, e não foram envernizados. Luxo só esta cadeira bem larga, capaz de acomodar um amigo bispo, que era pleno de carnes. Búas fucheados, um deles, em canto nobre da sala, com as iniciais A.M.B. — de Arcelino Mateus Brito, primo e primeiro grande amor de Rachel de Queiroz. No quarto que foi dela, a cama de dossel, uma imagem do Padre Cícero. Apêndice sim, mas também uma mulher de fé. “Ela queria muito bem a Santo Antônio. E acompanhava o terço pra Santo Izidro, rezado na beira do acude com cantoria. Mandava celebrar missa aqui, era o padre Pimentel que vinha. Rachel fez até um artigo sobre ele, ‘Padre vaqueiro’. Ele pegava boi com os outros. Foi muitos anos vigário

em Aquitara. Hoje reza missa na igreja de Nossa Senhora da Saúde, no Mucuripe. É uma missa cantada, do nome do Pai até o aném. Ai, meu Deus, que padre danodado aquele!”

As estantes abarrotadas se espalham pelos cômodos da casa. Entre tantos livros, um antigo exemplar da revista *A Recreafív*, de palavras cruzadas. Nas paredes, fotografias. Uma é em preto e branco, com a mocinha Rachel, a menina Maria Luiza e os pais. A sala de jantar e a cozinha, duas bonitezas. Potes e quitutes, painéis de barro e colherões de pau. E o fogão de ferro à lenha, onde foram envernizados. Luxo só esta cadeira bem larga, capaz de acomodar um amigo bispo, que era pleno de carnes. Búas fucheados, um deles, em canto nobre da sala, com as iniciais A.M.B. — de Arcelino Mateus Brito, primo e primeiro grande amor de Rachel de Queiroz. No quarto que foi dela, a cama de dossel, uma imagem do Padre Cícero. Apêndice sim, mas também uma mulher de fé. “Ela queria muito bem a Santo Antônio. E acompanhava o terço pra Santo Izidro, rezado na beira do acude com cantoria. Mandava celebrar missa aqui, era o padre Pimentel que vinha. Rachel fez até um artigo sobre ele, ‘Padre vaqueiro’. Ele pegava boi com os outros. Foi muitos anos vigário



ROSITA FERREIRA: memórias de uma Rachel muito caridosa

## O ÚLTIMO DIA

Rosita Ferreira conta nesta parte da conversa os instantes derradeiros de Rachel de Queiroz. “Foi a primeira vez no Rio em 77, na entrada dela na Academia Brasileira de Letras. Ela estava aqui no Não Me Deixes, quando o escritor Arnóbio Houaiss ligou lá pra casa. A posse dela foi coisa importante, até cinco tá manhá tinha gente fazendo discurso. Foi no dia quatro de novembro de 1977. E, coincidência, Rachelzinha morreu no dia quatro de novembro de 2003. Bem, depois da posse na Academia, fiquei indo ao Rio todos os anos, todo dia 17 de novembro, para o aniversário dela. A última vez fui e permaneci, até ela morrer. Sabia que ela conheceu o momento em que ia embora”.

“Ela disse, Rosita, eu hoje vou preparar um banquete para os meus pais, meus irmãos, minha filha e meus maridos, hoje eu vou pro

Ceará. Mas nesta viagem você não me acompanha, vou só. Isso era uma segunda-feira, dia 3 de novembro de 2003. Ela disse má, já conversei neste instante lá nos Altos, tá tudo acertado, eu vou morrer e vou direto para o Céu. Eu disse baixinho, no ouvido dela, quem já viu heinje ir para o Céu? Ela me respondeu, você que pensa, já acertei tudo, viu? E se eu morrer aqui no Rio, vou me enterar no túmulo do Oyama, no São João Batista, quero ir pro mausoléu de Academia não. Se for no Ceará, é na Califórnia, no túmulo do meu pai. Ela disse que não tinha religião, mas duas noites se benzina, rezava o Pai Nosso, a Save-Rainha”.

“Na manhã do dia 3, ela se levanta; tomou o café como de costume, almoçou na mesa. A zinha (Maria Luiza) estava lá, tinha chegado de uma viagem. Nesse dia,

ela teve duas isquemias, o lado direito ficou paralisado. Dez, dez e meia da noite, pediu pra ir pra rede, uma rede bonita que eu dei pra ela. Quando foi duas e meia da manhã, eu disse, Rachelzinha vá dormir, a senhora tá cansadinha. “Como posso dormir com esta angústia que estou sentindo? Passei a mão na cabeça dela, enroscada de suor. Chamei a acompanhante, trocamos a roupa, botei bem perfume, ela gostava muito de colônia, pentelê. Disse, pois agora vou chamar o médico”. Médico não resolve isso não... De meia em meia hora, a gente se comunica, quando eu não ligava, o médico dela ligava pra mim. Minha filha, Rachelzinha não parava de conversar. Ela não abria os olhos, mas conversava tudo explicado”.

“So foi me deitar, a acompanhante me disse, dona

Rachel não falou mais, está parada. Parece que ela morreu. — Que é isso, maninha”, tem nem cinco minutos que sai de lá! Corri, cheguei, passei a unha na planta dos pés, tudo paralisado. Vi que ela estava sem vida. Vão logo o médico, com tantos acessórios, tanta sacola. Ele disse, não tem mais nada a fazer. Ela, senão, os olhos fechados, não foi necessário botar nada de algôncio nas narinas, nada. Rachelzinha desapareceu assim. Como um ano”.

“Agora, só não gostei do padre da Academia dizer que não celebrou missa de corpo presente porque Rachel não tinha fé. A encorajamento do corpo foi feita por monsenhor Alencar, parente dela. Ela que descreveu o funeral da Academia, e com ele foi sepultada. Voltei para o Leblon. Aquilo sem Rachel era um vazão, meu Deus”. (tsc)

“AGORA, AO CHICO BENTO, SEM RECURSO, SÓ RESTAVA ARRIBAR”

(O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ)



RACHEL DE QUEIROZ na adolescência; autora precoce que surpreendeu o Brasil

# O LIVRO DA MOCINHA

**REVELAÇÃO** | Rachel de Queiroz estreou na literatura em junho de 1930. O romance trazia um tema já abordado pela geração de escritores cearenses do final do século 19, marcada pelas idéias positivistas. Mas, com *O Quinze*, a mocinha de 19 anos iria inaugurar um novo tempo na literatura brasileira

Um fenômeno de consequências tão finestas não poderia passar batido pelas penas de ganho dos jovens escritores cearenses. Portanto, a seca e seu séquito de misérrimas entrou nas páginas dos livros brasileiros com a geração que iria sacudir a província e além, com a audácia da Padaria Espiritual. Rodolfo Teófilo foi um dos que registraram em tinta e papel a terrível seca de 1888, que arrasou a pecuária do Ceará, base de sua economia, e obrigou levas de retirantes a arribar para a Amazônia ou o Sul do país. O tema voltaria à baila com o chamado Romance de 30, inaugurado dois anos antes com a publicação de *A Bagaceira*, do parabaiano José Américo de Almeida. Mas o abalo sísmico viria mesmo em 1930, ano perturbado por revoluções e conflitos no sertão, povoado por coronéis em pé de guerra e bandos encourados de cangaceiros.

Ambiente tão viril não seria adequado às mulheres, mas foi uma, e bem jovem, que escreveu a obra apenas superada por *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos - um autor já maduro e tarimbado. Com *O Quinze*, Rachel de Queiroz começava a traçar a sua trajetória, que só acabaria muito tempo depois, e sem perder o vigor inicial. De tudo o que ela fez, em conto, crônica e teatro, será também um romance o coroamento de toda uma vida ligada à arte literária, o fabuloso e épico *Memorial de Maria Moura*, escrito lá pelos seus 80 e tantos anos.

**Nascida em 17** de novembro de 1910, no antigo número 86 da rua Se-

nador Pompeu, em Fortaleza, Rachel era uma sertaneja de origem e de raça. Mocinha de idéias próprias, como sua personagem Conceição, a normalista de 18 anos passava as noites debruçada sobre o manuscrito do *O Quinze*, à luz fosca do lampião, na casa do Pici. O livro também foi escrito durante suas férias na fazenda Junco, cenário que, ao lado da Califórnia, inspirou a Logradouro de dona Inácia, avó de Conceição.

**Com *O Quinze*, Rachel de Queiroz começava a traçar a sua trajetória, que só acabaria muito tempo depois, e sem perder o vigor inicial**

O livro, concluído em maio de 1930, seria editado em junho no Estabelecimento Gráfico Urânia, que ficava na rua Barão do Rio Branco, edição bancada por seu pai. Já no ano seguinte, *O Quinze* ganharia o prêmio Graça Aranha de romance, outorgado pela Academia Brasileira de Letras. (O de poesia foi para Murilo Mendes, e o de pintura para o pernambucano Cícero Dias).

Depois vieram *João Miguel*, *Caminho de Pedras*, *As Três Marias*, *Dóro*, *Doralina*, *O Galo de Ouro* (publicado em folhetins na revista *O Cruzeiro*, em 1950), todos romances. E as crônicas:

*A Donzela e a Moura Torta*, *O Caçador de Tatu*, *Mapinguari*, *O Brasileiro Perplexo*. Teatro: *Lampião*, prêmio Saci de melhor peça do ano de 1955, e *A Beata Maria do Egito*, de 57, encenada com sucesso no Rio de Janeiro com elenco puxado pela atriz Glauce Rocha. Traduziu Dostoiévski, Tolstói, A.J. Cronin, Emily Brontë, entre outros, e escreveu dois infantis, *O Menino Mágico*, prêmio Jabuti de 1971, e *Cafule & Pena-de-Prata*, com ilustrações de Ziraldo. Em 1977, será a primeira mulher a tomar assento junto aos imortais da Academia Brasileira de Letras. Deixou pronto um livro de memórias, feito em parceria com a irmã caçula, Maria Luíza - *Tantos Anos*.

**O Quinze** aborda o tema da seca, a resistência de Vicente - que não arreará pé de sua fazenda, o destino infeliz do vaqueiro Chico Bento e sua família, abandonado à sorte pela patroa, dona Maroca das Aroeiras, ao tempo em que também é a história de Conceição, a neta de dona Inácia, professora, apaixonada pelo primo Vicente mas fiel às suas próprias convicções. "Conceição tinha 22 anos e não falava em casar". Acostumou-se a pensar por conta própria. Vicente foi talhado no jeito de um primo real de Rachel de Queiroz, segundo conta Rostia Ferreira: "Deve ser o Arcelino Matos Brito, foi o primeiro amor dela. A família queria que Rachel casasse com o irmão dele, o Amônio, um homem muito bonito. Mas ela só queria o Arcelino. Este livro, uma vez todo ano eu releio, acho muito bonito, bem escrito". (EdC)

## DE AMOR E DE MORTE

Nesta casa, Rachel de Queiroz e o segundo marido, o médico Oyama de Macedo, viveram 40 anos de bem-querer. "Ele era louco por ela", diz Rostia. "Foi o grande amor de Rachelzinha. Quando doutor Oyama adoeceu, em 78, eu estava dando aula, ele me ligou, pedindo pra eu trazer o médico. Vim com o doutor Sebastião Digenes e a doutora Iris Holanda. Ele, muito febril, disse, olhe, se eu estiver com câncer, me diga agora mesmo, pra eu dar um tiro nos miolos. Ele era médico e sabia...". Oyama teve câncer na laringe. "Ela que fazia a alimentação dele, tomou conta até a hora de ele ir embora. Quando ele morreu, ela não queria nem vir aqui. Ele morreu no dia 8 de fevereiro de 1982".

A recordação da morte puxa outras. "Lembro que ela fez uma crônica, há muitos anos. Era 'A morte na fazenda'. Ela morria no Não Me Deixes, e o viúvo, na rede de cordas do alpendre, recebendo as visitas e já com os olhos numa e noutra fazendeira vizinha. Era brincadeira dela!

O Oyama era uma criatura excelente e deu muito certo com ela. Passavam seis meses aqui e seis no Rio".

Uma casa povoada por visitantes do redor e figuras ilustres, todos recebidos igualmente com honras e simpatias. Vaqueiros, comadres, afilhados, vizinhos, agregados. Também governadores, deputados, ministros. E até um presidente, Humberto de Alencar Castelo Branco, parente dela pelo lado materno. "Ele passou o dia, saiu daqui à tardinha, foi dormir na Serra do Estívão, lá de trole (um tipo de trem), mas mandaram o avião pra ele voltar". Era 1967, e o avião caiu no mar, matando o general, o piloto e a escritora Alba Frota. (EdC)





"E TUDO ERA VERDE. O BORRALHO CINZENTO DO SERTÃO VESTIRA-SE DE ESPERANÇA"

(O QUINZE, RACHEL DE QUEIROZ)



ESTACÃO DANIEL DE QUEIROZ, antiga estação do Junco; prestígio da família fez linha férrea passar perto da fazenda

FOTOS: CI AURÉLIO/UMA

## UMA TARDE NO JUNCO

**OS QUEIROZ** | O material vivo, real, com o qual Rachel de Queiroz escreveu seu primeiro romance, assenta-se nas fazendas de criar dos seus ancestrais. Vindos de Portugal, eles se estabeleceram em latifúndios que, divididos, viraram o Junco, a Califórnia, o Não Me Deixes...

O brasão dos Queiroz é um escudo dividido em quatro campos, com luas crescentes e leões que se alternam. A família é originária de Espanha e dela vem a geração portuguesa, a partir de Gonçalo Bernardo, senhor da casa de Queiroz nas Astúrias. Este Gonçalo serviu ao rei de Castela e Leão, Henrique II, e foi nomeado por ele embaixador às Cortes da Inglaterra, em 1333. Três séculos depois, dois jovens descendentes de Gonçalo Bernardo deixaram Portugal rumo ao Brasil. Vieram, como se dizia, "fazer a América", isto é, buscar glória e riquezas na imensa colônia do lado de lá do mar. Estabeleceram-se na vila de Goiânia, em Pernambuco, terras canavieiras, mas logo os conflitos entre o rei de Portugal e o príncipe holandês Maurício de Nassau dariam sinceros motivos para eles procurarem, mais longe, a fortuna que vieram conquistar.

E foi assim que chegaram aos férteis vales dos sítios do rio Banabuiú, no Sertão Central do Ceará. Os filhos dos filhos deles repartiram entre si o mundo de terras e bons pastos, onde continuaram a frizar suas marcas ancestrais no couro dos bois e dos cavalos. Casavam-se entre si ou com poucas famílias aparentadas, entre as quais os Alencar e os Matos Brito - o ramo que se estabeleceu, já no começo do século 19, nas encostas sempre verdes de Baturité. A fazenda Califórnia, em Quissadá, foi o lar de dona Rachel de Queiroz e seu marido e primo, José Arcelino Matos Brito, pais de Daniel de Queiroz, que batizou a filha mais velha com o mesmo nome de sua mãe. Na Califórnia, a menina Rachel, a Teté, passava parte das férias, entre os carinhos da avó e da cozinheira, a Madalena. "A casa não existe mais. Os donos eram primos legítimos de Rachelzinha,

não queriam e venderam. Hoje a fazenda é um assentamento do Inera. Da casa demolida, entre portas e janelas, eram 74... Levaram até as tábuas corridas do piso", conta Rosita Ferreira.

Mas, de pé há mais de 200 anos, restou a casa velha da fazenda Junco, com seu corpo de taipa amarrada com coto de boi, cuncheira de arceira e piso de cerâmica hidráulica. A fazenda foi dos pais de Rachel de Queiroz, e depois passou ao irmão dela, Roberto. Próxima, fica a bela casa no estilo dos palacetos do Mississippi, construída para agrado de dona Ignês, esposa de Roberto. Zelando a casa antiga, ficou o filho, de mesmo nome.

**E foi assim que chegaram aos férteis vales dos sítios do rio Banabuiú, no Sertão Central do Ceará. Os filhos dos filhos deles repartiram entre si o mundo de terras**

A modernidade do começo do século 20 levou os trilhos até o Quissadá. Para se ter uma ideia do prestígio dos Queiroz, a linha férrea passa a poucos metros da fazenda Junco, e dela herdou a denominação. Há poucos anos, a estação do Junco foi rebatizada Daniel de Queiroz. Próximo, a casa em vermelho escuro, que foi do dr. Baptista, tio de Rachel e sogro da escritora Dinah Silveira de Queiroz, a segunda mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Rosita Duarte, a Loura, toma conta da velha casa do Junco e da nova, feita ao lado, onde reside Roberto de Queiroz Filho, o her-

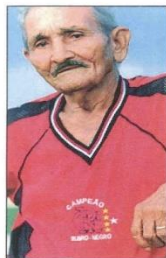
deiro. "É minha mania, minha cachaca. Do leite que recebi, mantenho", afirma ele. "Moro aqui desde pequeninha, que a família de seu Robertim que me criaram", diz a Loura, de olho no fogão à lenha, onde cozinha "o sorro pra apurar a nata". Acima do borralho, um teso estomago de boi, o coalho, com o qual se prepara o famoso queijo do sertão. Um cheiro bom vem lá do final da cozinha, da prensa de madeira, ainda a gotejar. "Terminei de fazer o queijo indagora, faço quatro por dia", explica a Loura, catando com uma escumadeira a manteiga fervente.

**A bela morada** de dona Ignês parece pousada noutro tempo, noutro lugar. O jardim bem cuidado, os passeios em pedra, a piscina refletindo o céu na água, o pomar e o aroma de frutas exóticas combinam-se com a arquitetura palaciana da casa, arreada por uma varanda decorada com objetos raros, feito a pomposa mesa em madeira de lei que pertenceu ao Barão de Camocim, e este imenso serrote. "o menor serrote do meu pai", diz dona Ignês. O pai dela foi encontrar a fortuna nas matas imensas da Amazônia. "Penso, estou ficando velha... Olhe este coquetel, a altura em que está. Tudo que tem plantado aqui fui eu", comenta dona Ignês, 83 anos, fina dama elegante, levemente apoiada na bengala de castão dourado. Mostra suas plantas, a tamareira que veio de tão longe, o pé de groselha cheio de frutinhas ainda verdes, o abacateiro nativo, a árvore de damasco. "Isa que é um horror!". O perfume dos jasmims e bugaris se acentua com o final da tarde. A visita termina com mais uma mostra desta hospitalidade sertaneja, uma bandeja de doces caseiros e queijo de coalho. (Rua de Carvalho)

### SEU ZECA, O AFILHADO

José Antônio Alves, o Zeca, 80 completinhos, foi vaqueiro do Não Me Deixes, braço direito do doutor Oyama em caçadas pelo mato e, muito antes, recebeu o sal e a água batismal nos braços de Rachel de Queiroz, sua madrinha. "Nasci no dia 25 de janeiro de 1925, sim, senhora. Nasci aqui, aqui me batizei".

De seca, um rosário de recordações. "A pior foi a de 1942, que eu passei com o gado do doutor Daniel (pai de Rachel) lá na fazenda Guanabara. Foi preciso a gente ir pra lá. Escapou tudo. Em 43, viemos simhora debaixo de chuva. Mas hoje em dia, tá tudo mudado. A senhora me acredita que o juá amadureceu no seco?", diz o vaqueiro, lembrando que a arvorezinha, única a permanecer verde no estio mais feroz, só produz durante as águas inverniais, por isso os frutinhas caem na lama. "Cacéi muito. Quando eu era pequeno, me lembro que tinha ena. Tinha porco brabo, mas acabou, não tem mais nada, até as nambu parece que acabou. Só o que vejo produzir muito é gente". Era ele quem ordenhava as vacas, de manhãzinha, o leite quente e espumoso tibatungando nos baldes ou no copo de alumínio dos donos da casa. "O doutor Oyama gostava era de leite mugido e um dedinho de conhaque". Uma das estranhas manias gastronômicas de Oyama.



ZECA: leite mugido e conhaque

# FÉRTILAS!

**É NA COLÔNIA DO PLUS!**

De 04 à 22 de Julho

Rua Costa Barros, 1534

Colônia Completa  
R\$ 260,00

Colônia Semana  
R\$ 90,00

Colônia Diária  
R\$ 25,00

**Plus**

INFORMAÇÕES  
(85) 3264.2255

AGORA COM BOTE

## L U L L A ' S P A L A C E




Novo Salão Climatizado.

REALIZAMOS SUA FESTA EM ATÉ 10 VEZES - 3242.1777

L

Lulla's Buffet

★★★★★

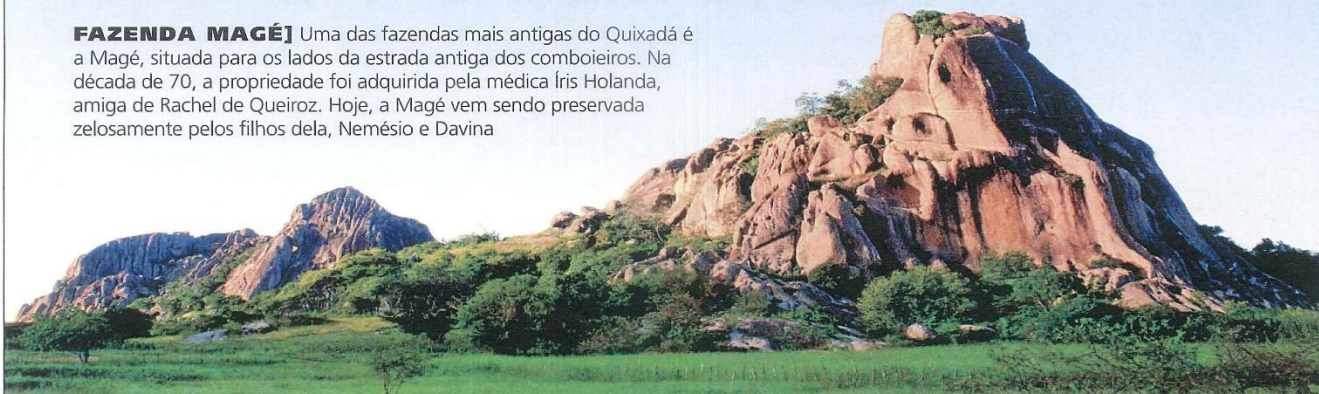


“ O CÉU, TRANSPARENTE QUE DOÍA, VIBRAVA, TREMENDO FEITO UMA GAZE REPUXADA ”

(DO ROMANCE O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ)

# O CHÃO DA DOUTORA ÍRIS

**FAZENDA MAGÉ** Uma das fazendas mais antigas do Quixadá é a Magé, situada para os lados da estrada antiga dos comboieiros. Na década de 70, a propriedade foi adquirida pela médica Íris Holanda, amiga de Rachel de Queiroz. Hoje, a Magé vem sendo preservada zelosamente pelos filhos dela, Nemésio e Davina



PAISAGEM DOS MONÓLITOS, em Quixadá: sol que descerra suas "goelas de fogo" e ameaça "engolir toda a gente"

Capricho nos mínimos detalhes. Quando a médica anestesista Íris Holanda comprou a fazenda Magé, em cujo terreno há inclusive sítios arqueológicos com pinturas rupestres, nos idos de 70, comandou pessoalmente a transformação que fez da velha casa uma das mais aconchegantes moradas sertanejas de todo o Ceará. Os azulejos, ela escolheu pessoalmente, em tons laranja para a sala de jantar, estimulando o apetite. Na varanda, espreguiçadeiras de madeira de lei cobertas com couro de boi convidam ao descanso. O mobiliário rústico é pontuado pela farta biblioteca, de soalho de madeira corrida, com uns tantos gatos repousando enquanto notas de uma ópera escapam pelas janelas abertas.

Nemésio Holanda estava morando na Alemanha, onde residem duas filhas da doutora. Quando a mãe ficou doente, ele voltou, cuidou dela, e agora está à frente da Magé, juntamente com outra mana, Davina. Eles estão criando um espaço no terreno ao lado, a reprodução de uma vilazinha sertaneja, parte do projeto do hotel-fazenda que tocam adiante. Foi ali, entre petiscos preparados pelo Nemésio, que a conversa resgatou lembranças da vizinha famosa. Da biblioteca de dona Íris, Nemésio nos traz um exemplar da primei-

ra edição do romance *O Quinze*, impresso na gráfica Urânia, que ficava na rua Barão do Rio Branco. Vejo que nesta edição há um poema sem autoria declarada e o texto de apresentação, "Duas palavras", assinado pela própria Rachel. Este texto saboroso desapareceria nas edições posteriores. O poema:

"O sol, qual Moloch das lendas caducas/ descerrou as goelas de fogo/ e ameaçou engolir toda a gente/ e queimou com seus olhos de brassy ardentes/ as sementes que o vento lançara na terra/ E matou, com seu bafô de chamas/ as raízes que a mata embutira no chão/ E bebeu, de sedento e perverso/ toda a água que o inverno esqueceu por aqui/ E depois, tendo esgotado tudo, devorador tudo/ espanou com a vassoura da fome/ a corte de vidas que a seca deixou".

**Davina Holanda** recorda umas tardes que passou em visita ao Não Me Deixes, acompanhando a mãe. "Lembro Rachel e duas cozinheiras mexendo doce em tachos imensos, no fogão a lenha. Sempre estavam fazendo doce, sempre, sempre... Aquele cheiro maravilhoso! A cozinha dela foi a coisa mais fantástica que já vi, bem rústica, mas você vê que é a cozinha, que funciona. Era impressionante. Todo ano, Rachel vinha passar férias.

Ela e a mamãe eram muito amigas. Eu tenho uma carta dela pra mamãe, recomendando uma paciente, que a mamãe por favor atendesse e fizesse o que fosse necessário, que era uma moradora que ela queria muito bem. Sempre que ela vinha, convidava mamãe pra passar tardes lá. Era muito gostoso, muito, muito".



**fiquei impressionada com a força e a vitalidade daquela mulher que eu tinha visto tão fraca, tão frágil, tão velhinha, meio fora da realidade, me perguntando sobre papel..**

Convivendo com a beleza da Magé e a hospitalidade de Nemésio e Davina, a psicóloga Cleide Amorim, professora da Uece em Quixadá, também saca da lembrança uma visita à fazenda de Rachel de Queiroz: "Ela estava com o braço numa tipóia. Eu tinha ido com o Tibico Brasil, que ia fazer umas fotos lá. Nessa tarde, tinha um grupo de teatro local fazendo uma apresentação de uma peça do Ariano Suassuna pra ela. Depois que eles foram, a gente ficou conversando. Ela falava pelos cotovelos, com muita energia, apesar de estar muito velhinha, a aparência frágil, com aquele bracinho quebrado, os ossinhos fininhos de velha mesmo. E com umas perguntas meio loucas. Tive uma hora que ela perguntou pra mim, se a universidade me dava papel pra eu escrever".

"Eu disse, a universidade quase não dá mais nem giz... Ela estava escrevendo o *Memorial de Maria Moura*, falou um pouco do livro, contou alguns casos de personagens, mas não passou a força daquele romance, a violência, a loucura. Logo que foi lançado, quando eu peguei e fui lendo, fiquei impressionada com a força e a vitalidade daquela mulher que eu tinha visto tão fraca, tão frágil, tão velhinha, meio fora da realidade, me perguntando sobre papel... Dentro dela, tinha uma história fascinante acontecendo". (EdC)

## RACHEL EM SOBRAL

O belo Chalé da Pedra, em Quixadá, construído sobre um pedaço de rocha e ornado com balaústres, rosáceas na bandeira das portas e piso em madeira, desde 2003 foi restaurado para ser a sede do Centro Cultural Rachel de Queiroz. A placa em acrílico na varanda dá as informações, mas até hoje o espaço continua vazio. Lá dentro, somente ninhos de pardais.

Enquanto isso, a Universidade Vale do Acaraú tomou a dianteira, e inaugura, amanhã, em Sobral, um centro cultural dedicado à escritora. À frente do projeto, o reitor da UVA, José Teodoro Soares; o advogado José Luís Lira, biógrafo de Rachel de Queiroz, e a desembargadora Gízel Nunes da Costa, amiga pessoal de Rachel desde 1970, quando foi juíza em Quixadá.

As relações afetivas de Rachel de Queiroz com Sobral vêm desde 1995, quando a escritora ganhou da UVA o título de doutora Honoris Causa. Na ocasião,

foi inaugurado o bosque Rachel de Queiroz. Agora, a escritora será homenageada com o Centro Cultural Rachel de Queiroz, no campus da Betânia, numa casa que é a réplica do Não Me Deixes, ornada com "coisas parecidas com as da fazenda", diz José Lira.

"Reduziram a parte interna, mas o contexto é o mesmo, aquela mesinha com Padre Cícero e Nossa Senhora Rainha do Sertão. Todos estes cuidados a gente está tendo", diz Lira, que confessa: "Passei um ano sem andar lá no Não Me Deixes, depois que Rachel morreu. Voltei com a doutora Gízel quando da inauguração do Fórum de Quixadá, que leva o nome dela". O Centro Cultural Rachel de Queiroz será inaugurado amanhã, às 17 horas, com a presença de autoridades, entre elas o governador Lúcio Alcântara, e a apresentação artística do poema "Louvado para Rachel de Queiroz", de Manuel Bandeira, interpretado por Neuza Barros. (EdC)

# ENCRENCA NO ALMOÇO



A mesma receita de sucesso da TV agora no rádio.

Encrenca no Almoço na Rádio Jangadeiro. Um programa recheado de atrações, com os quadros Procura-se, Monge Mu, os Classificados do Encrenca e o irreverente O Boneco do Vizinho. E mais, você ainda curte o som superanimado do DJ Papudim. Não perca. De segunda a sexta, do meio-dia a uma da tarde: Encrenca no Almoço. O programa da Rádio Jangadeiro que vai fazer você morrer de rir.



## ANEXO VI

### NUNCA DESISTA DE SEUS SONHOS

#### OS SONHOS ALIMENTAM A VIDA

“Os sonhos são como o vento: você os sente, mas não sabe de onde eles vieram nem para onde vão. Eles inspiram o poeta, animam o escritor, arrebatam o estudante, abrem a inteligência do cientista, dão ousadia ao líder. Eles nascem como flores nos terrenos da inteligência e crescem nos vales secretos da mente humana, um lugar que poucos exploram e compreendem. Há dois tipos de sonhos:

Primeiro, os sonhos produzidos quando mergulhamos no sono. Segundo, os sonhos que produzimos quando estamos acordados, vivendo as batalhas da existência, sentindo a vida que pulsa em nosso dia a dia.

Os sonhos gerados no sono têm grande importância para o desenvolvimento da inteligência. Quando adormecemos, o “eu”, que representa nossa vontade consciente, deixa de atuar logicamente, e, ao mesmo tempo, alguns fenômenos inconscientes começam a ler a memória e produzir ideias, imagens mentais, fantasias e personagens. Há uma explosão criativa nos sonhos noturnos, uma releitura do passado.

Esses sonhos são como complexos filmes arquitetados sem diretor, sem uma condução lógica. Resgatam as informações do passado recente ou remoto, dando novas formas, cores e sabores às experiências vividas. ”

Augusto Cury, Sextante, 2013; p.07

#### A CRIANÇA E O SÁBIO

“Um dia uma criança chegou diante de um pensador e perguntou-lhe: “Que tamanho tem o universo? ” Acariciando a cabeça da criança, ele olhou para o infinito e respondeu: “O universo tem o tamanho do seu mundo. ” Perturbada, ela novamente indagou: “Que tamanho tem o meu mundo? ” O pensador respondeu: “Tem o tamanho dos seus sonhos”

Augusto Cury, Sextante, 2013; p.09

## ANEXO VII

Quero evidenciar em imagens no meu TCC todas as pessoas que me ajudaram na construção dessa história, com suas obras e com seus trabalhos.

